

SOMOS MAIS LIMPOS PELA MANHÃ

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP

F697 Filholini, Jorge Ialanji
Somos mais limpos pela manhã / Jorge Ialanji Filholini. – São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2016. (Selo Demônio Negro). 120 p. ISBN 978-85-66423-28-0
1. Literatura Brasileira. 2. Contos.
I. Título. II. Série. III. Selo Demônio Negro. IV. V. de Moura Mendonça – Livros.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869.3

CATALOGAÇÃO ELABORADA POR RUTH SIMÃO PAULINO

SOMOS MAIS LIMPOS PELA MANHÃ
© **Jorge Ialanji Filholini, 2016**

Capa e Desenho gráfico
Bruno Brum

Revisão
Mayra Fontebasso

SELO DEMÔNIO NEGRO
é uma publicação da
V. DE MOURA MENDONÇA – LIVROS
Largo do Paissandu, 72 - Conj 1603 - CEP 01034-010 - São Paulo SP

Jorge Ialanji Filholini

SOMOS MAIS LIMPOS
PELA MANHÃ

SÃO PAULO
SELO DEMÔNIO NEGRO
2016

*Bom dia. Bom dia.
Hoje estou tão feliz.
Bom dia. Bom dia.
O cativoiro que fiz.*

Aos meus pais,
que descarregaram o revólver
antes de colocá-lo em cima do armário.

Um beijoabração
no queridão Marcelino Freire.

Um brinde-agradecido
aos queridos Vanderley Mendonça e Bruno Brum.

SUMÁRIO

<i>Apresentação – Caco Ishak</i>	15
O irmão que a gente escolhe.....	23
Portão eletrônico	28
Vestir o morto	33
Dia bom.....	36
Likes	42
Mataram o narrador	46
Senhor H	50
If You can't say something nice	57
Passeio.....	64
E aí, topa?	68
As sete borrachadas.....	75
Desnuda.....	79
Somos mais limpos pela manhã	82
Faz-se de si	89
Vai de táxi?.....	92
Hoje tem.....	95
A última batalha	99
O que você quer fazer quando crescer?	106

APRESENTAÇÃO

Bom dia.

Clichê já batido, eu sei, só não resisto à analogia entre literatura e boxe após ler *Somos mais limpos pela manhã*, ao que desde já peço perdão. Fato: um bom boxeador não sai desferindo socos ao vento. Sabe quando se esquivar. Quando sapatear mais um pouco pra confundir o adversário. Quando ameaçar um *jab* e recolher o braço e desarmar com a esquerda pra enfiar um gancho e, aí sim, com o adversário já devidamente desnortado, desencadear uma sequência de golpes que há de botar o sujeito pra beijar a lona. Isso, se o sujeito não for um lutador de rua. Lutador de rua não beija lona. Nem sobe em ringue pra começo de conversa. Ao ringue o que é do ringue, afinal, e à rua... o asfalto. E quem é da rua se recusa a beijar o asfalto, a baixar a cabeça aos “profissionais”, não: levanta, mesmo um tanto cambaleante, e ainda tira onda antes de partir pra cima, já aperfeiçoando a técnica do oponente manjada na surra levada de início. Veja bem: aperfeiçoa, não emula. Lutador de rua é malandro. E malandro que

é malandro não emula, reinventa. Este, portanto, não é o livro de um boxeador.

Ludibria direitinho, o menino. Quem vê a cara de anjo do Jorge Filholini nem imagina a fauna de demônios que habitam o moço, ensovacados por ouvidos e dentes ao longo dos caminhos percorridos de norte a sul, palafita a pau a pique, por um observador sempre em alerta. Não à toa, outra arte que o Filholini domina com sensibilidade aguçada: a fotografia. E lá estão registrados todos os personagens. O servente de obras, o idoso, o crente, o pai de família, o pai com AVC, o pai que mata a própria filha, o próprio personagem, um taxista reaja atropelando ciclistas, um traficante, o amigo traíra, o farelo levado pelo poetinha da baixada, o poetaço, a estrela do Face. Cada conto, uma fotografia pintada à mão. Ou sopapeada mente adentro.

Golpes curtos, sim. Entremeados por longos, claro, sempre que necessário. Nada porém de Hemingway ou Bukowski. No (devido) lugar, a antropofagia segundo Clóvis de Gusmão: “Períodos curtos. Quentes. Sacudidos. Mais substantivos que adjetivos. Quer dizer, mais ideias do que ornamento. Como índio. Carne. Sem roupa”. Afinal: “Não é só literatura. É política. Religião. Tudo” (apud CASTELLO, José Geraldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*, 2004, p. 89). A fonte aqui são nossos modernistas. Uma estrada cujos buracos se preenchem na ausência, cortando a mata atlântica.

É preciso “ter cabelos no coração” pra se viver nas quebradas de um país terceiro mundista onde o asfalto

é menos asfalto e não ceder às tentações de Cristo, não acabar saindo das páginas do caderno de poesia às páginas do caderno policial. “Tento um altar dentro de mim para pedir perdão. Mas os santos viraram os rostos”, confessa o “irmão sangue bom” após se livrar do estorvo pra enfim poder voltar a preparar seu macarrão, sossegado.

É preciso não se importar com os likes ou dislikes (ou deslizes, como bem queira o corretor) pelas imobiliárias no caminho. Afinal, quem é do asfalto sabe: de nada valem “incontáveis likes” na prati-cidade do dia-a-dia. Sofre quem se entrega ao conforto das lonas e tapetes vermelhos, quem não se conforma com “a invisibilidade das calçadas”.

Para tudo.

Tapa na cara.

Bem estridente.

Capricha, sonoplasta.

Corta pra Emma Stone mandando a real pro Michael Keaton em *Birdman*: tem um mundaréu de gente por aí lutando pra ser relevante todo santo dia – você não é importante, melhor se acostumar.

A consciência já tão bem formada de um autor estreante quanto à transitoriedade das vidas mimetizadas na obra, portanto, da obra em si. “Narra direito ou abandono o texto”, diz o personagem de Mataram o narrador, cutucando os frangos de caçarola da literatura nacional: “escrever à mão ninguém mais quer. Dói o punho. Tadinhos”. Logo, do próprio autor.

Quem seria o Senhor H? Quem seria esse poeta “sempre solicitado nos saraus pra recitar aquele verso do

Paulo Paes ou do Bandeira” e que hoje já não consegue lembrar a senha da própria conta bancária? Seria o H de Herói da literatura nacional? Ou heróis nada salvam senão os próprios umbigos? O país se salva. E... *lá vem o Brasil descendo a ladeira.*

E com o Brasil, todos os heróis de verdade, os heróis da rua, os mesmos retratados pelo Jorge Filholini na literatura ou na fotografia ou numa conversa-fiada de bar. As chagas de um herói comum, ainda que já não sambe feito o pai, enlatado num sonho classe-média com garagem, previsível e cotidiano, *My way* na vitrola. “A casa sempre sabe o próximo passo de seu dono”. As chagas de Antônio Carlos cortando “sua pizza como um príncipe”, um covarde. Ainda assim: *his way.*

Judy Davis a Woody Allen em *Desconstruindo Harry*: Com quem você pensa que tá falando? Com algum daqueles apresentadores de tv estúpidos?

Ao narrar as digressões de um filho acompanhando os últimos dias do pai com AVC no conto que dá título ao livro, em pleno carnaval, justo quando o velho conheceu sua mãe, o velho a quem chamar “de senhor é mais importante que chamá-lo de papai”, Filholini parece assumir descarado a própria voz e vasculhar “o passado dos outros. As histórias de amigos adaptadas para a minha vida. Escritas em cima de momentos que nunca foram realizados com o meu pai”. Como, de resto, em todo este *Somos mais limpos pela manhã.*

(Há)

caminhos, portanto, sem volta:

“Abandonar isto aqui não dá mais. Já tá na pele. Nem com sabão arranca.”

O escritor se revela aos olhos de uma criança, o próprio, e se questiona:

“O que você quer fazer quando crescer?”

Já respondido no conto anterior, batalha constante contra o mundo e si mesmo da qual o malandro não tem como escapar, embora suas chinelas prossigam estalando nos calcanhares a cada passo descompassado e sua língua em sorrisos e versos na cachola mui bem escondidos pelo chapéu:

“Sonetos não vão à guerra. O poeta sim.”

Evoé, meu Filholini.

Caco Ishak

Escritor e pai da Malu

*Lave as mãos
antes de se matar.*

O IRMÃO QUE A GENTE ESCOLHE

Preciso de ajuda.

Carlos me falou quando abri a porta. Ele, todo molhado, encolhido, quase corcunda, sapato de couro desbotado, magro, covas nas bochechas. Olhos escondidos na sombra. Levantou a mão direita como se pedisse perdão. Eu, com o óleo no fogo para as fritas, água para o macarrão, *long* de *Stella*, a camisa do *Star Wars* – *Han shot first*, bermuda amassada com respingo de molho de tomate. No som do notebook um solo de Charles Mingus. *Torrent* baixava mais um capítulo do presidente Kevin Spacey. Seria uma noite perfeita, mas o irmão bateu na porta.

Preciso da sua ajuda.

O irmão que a gente escolhe. O irmão de viradas de noite no boteco, de desavença ideológica, de se abraçar quando aconteciam brigas nos relacionamentos de um ou de outro. O irmão sangue bom. O irmão dos negócios. O irmão do crime. O irmão que agora abre a bolsa e deixa cair

lápiz

moedas

garrafa de água sem gás vazia
tampas coloridas de refrigerante
um guarda-chuva pequeno
fone de ouvido branco
mais moedas

Halls pela metade

papéis de *Halls*

e, finalmente, a carteira.

Passa o zíper. Sem sinal de animais em extinção.

Nem uma onça, meu irmão.

Me olha de baixo pra cima. Sou maior. Estou mais alto.

Ajuda.

Ele continua. Se ajoelha. O que aprontou? E agora, o que faço com o irmão que a gente escolhe?

Eles estão no meu pé. Fiz merda, e das grandes. Foi em São Carlos, entrei numa parada sem volta. Fugi com doze quilos de coca. Trouxe pra cá.

Porra! Como é que é? Aqui?

Fui cuidadoso, não sabem de você. Do nosso passado. Eu devia ter feito o mesmo, abandonado tudo. Como você fez.

Fiz! Larguei o assalto, assassinato, roubo de carga e distribuição de drogas.

Me ajude. Preciso. Se eu voltar vão me matar. Torturar. Queimar. Arrancar meus dedos, meus pés, meus braços. Meus dentes. Farão do jeito que fazíamos naquela época. Não devia ter entrado nisso, mas precisava de dinheiro.

Ele chora. Fizemos parte de um esquema bem desenvolvido, como pode ver. Eu era o cérebro. Depois do

tiro na perna, culpa de uma 38 do gambé filho da puta, decidi parar. Treze meses de fisioterapia. Me dediquei aos livros, HQ's, cinema, música e arquitetura. Abri uma construtora. Ele gastou toda a grana. Bebia muito. Apostava no animal errado. Voltou ao pó.

Entrou, arrumou o sofá e comeu o macarrão. As fritas ficaram para outro dia. Perguntou o que eu estava fazendo. Ia ver uma série. Ele não sabe o que é *House of Cards* e nem faz ideia de quem é Kevin Spacey.

Como não? Vencedor de dois *Oscars*. Kayser Söze. *Os Suspeitos*. *Beleza Americana*.

Preciso da sua ajuda.

O irmão que a gente escolhe. Mandei ele descansar. Amanhã resolvemos tudo. Durma.

O café passando. O cheiro acorda o irmão. Assustado. Ainda pensa estar no pesadelo.

Senta e corta o pão com as mãos. Daqui a pouco sairemos e resolveremos as questões.

Que questões? Tô fodido! Eles vão me matar.

Relaxa. Não falo deles. Arranjei um lugar para você ficar. Mais seguro do que aqui.

Onde?

Você vai saber. Coma!

Descemos do carro. Ele mais lento. Preocupado. Não para de olhar para os lados. Caminha. Me segue. Meu irmão sempre foi a minha sombra.

Porra, na rodoviária? Esse lugar é todo aberto. Ficou maluco?

Tranquilo. O ônibus já vai chegar.

Busão?

Pensou que ficaria aqui. Você precisa de um lugar isolado. Onde escondeu os doze quilos?

Em um Monza estacionado perto do mercado, na esquina do seu apê.

Certo! Me passa a chave. Eu cuido do resto. Ele confiou em mim. Me admirava. Queria ser eu, mas não conseguiu. Foi comigo que deu o primeiro tiro em um homem. Carregou corpos e os mutilou. Mais de quinze anos juntos. O irmão que a gente escolhe.

Me entrega a chave do carro. Passo confiança. Obrigado!

É o seguinte, vai se sentar naquele banco, o busão já tá chegando. Eu vou comprar as passagens. Fica logo ali, virando aquele guichê. Viu? Então, por favor, me aguarde aí sentado. Não! Não se preocupe. Vai dar tudo certo! Vou te ajudar. Você é meu irmão.

Sigo para o local que havia indicado. Dobro o guichê. Paro. Encosto na parede. Me escondo. Não quero ver.

O meu irmão aguarda no local em que pedi. Confia em mim. Veio me pedir ajuda.

Dois homens se aproximam dele. Cada um sacando uma arma. Sentam no mesmo banco. Ele olha na direção em que fui comprar as passagens. Nenhum retorno.

Tudo vai ficar bem. Você é o irmão que escolhi. Pensei nas frases. O irmão que a gente escolhe. O irmão que despachamos. O irmão que não queremos como estorvo. O irmão que escolhemos para dar aos porcos. Evoco um altar dentro de mim para pedir perdão. Mas os santos viraram os rostos.

Volto para o banco, meu irmão não está mais lá. Entrego as chaves para os dois armados. Explico a eles que o pó está dentro do porta-malas de um Monza estacionado perto do mercado do bairro.

Vejo levarem o meu irmão. O irmão que escolhemos. Que criei e mandei embora. O irmão que teve o seu fim porque fui eu que o trouxe para o começo.

O irmão que não tem mais jeito.

Posso, enfim, voltar ao Kevin Spacey e ferver o óleo para as fritas.

PORTÃO ELETRÔNICO

Deus tem conta bancária? Por que o Senhor necessita de dinheiro? Qual a quantia que vale uma prece? Só recebe a graça quem está com o carnê em dia? Não consigo entender o motivo do aumento do valor que o pastor Inácio me pediu para depositar.

Não serei atendida se deixar de pagar o dízimo até terça-feira. Precisa investir na fé. Irmão Caio que me disse. Ele colocou a maior parte de seu salário na igreja. Hoje não tem dívidas. Desfila de Pajero. Mármore na parede da garagem. Balcão de acrílico. Fogão e geladeira do tamanho de uma espaçonave. E um enorme portão eletrônico.

Sabe, Deus, meu sonho é ter um portão eletrônico. Aquele dez por trinta. Cobre toda a frente da casa. Pintado de bronze. Controle para levantar e abaixar do lugar em que eu estiver. Firmar e depositar um pouco mais do valor que já colaboro que o portão virá. Ah, se virá, irmã.

Mas o dinheiro do depósito eu posso investir em um portão. Deus, sei que me escuta, só não entendo essa

conta de louvor financeiro que preciso alcançar. Na rua Colômbia todos fecham os seus portões. O da Janaina tem traços redondos no meio. Pintado de vermelho. Já o do Paulão é azul e tem madeiramento nos cantos. O maior de todos da Noya Estância é o do vereador Antunes. Elegante até na base. É verde esmeralda, combinando com o branco do piso do quintal. Vereador Antunes soube escolher muito bem. Ou foi Deus que lhe deu?

Rezar e rezar e rezar. A vida é um tormento. Frustração. O tamanho das minhas orações já toca o céu. E nada de nome limpo. O muro no reboco. O chão trincado. A janela enferrujada. Pia do banheiro rachada. O box de plástico. O chuveiro de ferro. E a frente sem portão. O passado não está na fotografia de nosso primeiro momento dentro de casa. Trinta anos, a mesma imagem cinza da garagem.

Deus está no comando. Ele sabe o que faz. Sua hora chegará. Pastor Inácio insiste. Na igreja, na tv, no rádio. Na leitura da bíblia em quatro CDs. Promoção de vinte nove e noventa.

Jesus está aqui. Mas não na minha casa. Minhas orações atravessam os cômodos. Deus não escuta. Deus precisa é de dinheiro. Uma ajudinha monetária.

Passei na serralheria do Sebastião. Havia um portão imenso. Do tamanho do meu sonho. No meio tinha um desenho. O brasão de uma família. Namorei aquela imagem. Imaginei o portão no meu portão. Abrindo e fechando. A boca sorridente da casa. Este não é para você. Quando tiver a quantia, quem sabe. Quem sabe é Deus, e Ele precisa de dinheiro. Ir ao banco. Bradesco.

Conta e agência decoradas de tanto o pastor gritar no culto. Mas Deus saca grana? Paga conta? Para quê tanto dinheiro, meu Senhor?

Meu marido vai me matar. Nossa poupança na compra da lágrima de Cristo. Na chave do céu. No grão das terras de Jerusalém. Terreno na nuvem. Escritura e garantia em mãos. Ele tem de concordar com o investimento. Matar é pecado. O sorriso do pastor Inácio ao receber uma parte da grana me dava segurança. Bênção. Seu chamado será transmitido. Levante a mão, sinta o toque Dele. Quero mesmo é tocar o meu portão eletrônico. Alisar a superfície. Escolher a tinta. Chamar o Aguinaldo, pintor daqui do bairro. Ele tem aquele revólver de pintura. Vai deixar o meu portão iluminado. O maridão vai gostar. Agradecerá o dinheiro investido na fé. O Senhor abençoa o seu rebanho.

A vista da casa com um buraco do tamanho de uma caverna. Não vou me tornar uma moradora da pré-história. Mas o portão não vem. A reza arrecadada. O sonho custa caro. Deus cobra alto os seus favores. E eu não tenho a quantia que Ele pede.

A crise complicou as orações. Cortaram a linha de acesso ao céu. Deus dança conforme a bolsa. Com a igreja em bancarota, o seu portão eletrônico não será uma realidade. Pastor Inácio não facilita. Tenha fé e dinheiro que tudo virá. E veio. A conta no vermelho. O cartão quebrado. Casas Bahia telefonando todos os dias. Maridão desempregado. Crianças sem lápis para colorir. Portão eletrônico só na fresta do muro da serralheria do Sebastião.

Se Deus voltar, que me traga um portão. Pastor Inácio convidou o grupo de oração para um café na sua casa. Mesa posta. Bolos, torradas, pão de forma integral, chás, achocolatados, pipoca. A crise em cima da mesa. Deus dá aos certos terras para a boa colheita. E nada de brotar um portão no meu quintal.

Não era justo. O Justo não me ouvia. Orar. Levantar as mãos. Clemência. Louvor. Dívida de gratidão. Penhorar. Ter a graça em dor. Tudo financiado na mesa de café do Pastor Inácio.

Ter cabelos no coração. Não há entidade que me faça de otária. Desforra. Pastorzinho filho de uma puta. Arrancou a minha pele com notas de Real. Vou tirar a minha a limpo.

O ódio é uma atitude humana onde Deus não tem imunidade.

Pastor Inácio tinha um belo portão eletrônico. Todo branco. Com colunas douradas. A porta do céu. Adulado pelos fiéis. O missionário era exemplo de lutar e conquistar o desejado. Pedi para tocar o seu portal de honradez. Integridade. Brio. Decência. Oração eterna de magnanimidade. Uma bela bosta de mau caráter. Bandido. Ladrão. Pegou o controle e nos guiou até a garagem. O grupo aplaudia. Dava graça.

Eu quero o meu portão. Igualzinho. Brincaria com o controle dia e noite. Nos momentos de tédio. Subir e descer. Também vou fazer a minha graça.

O tempo fecha. A chuva avisa ao som dos trovões. Raios assustam o grupo. Pastor Inácio não se intimida.

Alisa o portão. A luta de tê-lo, um sermão de conquista. O escravo de Deus que foi atendido. Apoia as mãos. Avisa: foi Ele que me concedeu forças para...

Um raio corta Pastor Inácio ao meio. Começou no portão e atravessou a sua mão direita. Membros do grupo tentaram acudi-lo. Receberam a mesma descarga. Morreram grudados.

Se Deus não atendeu ao meu pedido, faço pacto com o Diabo.

O portão levanta e sobe no meu comando. Falta pintar. Coisa básica. Agora eu tenho o dente que faltava na minha casa. Nem dormi na véspera para instalá-lo. Alinhá-lo. Construído pelo Sebastião. Fiz questão de chamar Janaina, Paulão e o vereador Antunes para um café. Eles tinham de contemplar a minha imensa graça recebida. Aleluia, irmã! Aleluia!

Mas o que vou fazer com o portão sem um carro na garagem?

VESTIR O MORTO

Daqui vocês só sairão mortos. Pagarão o que fizeram com o meu filho. A vala dele não era para ser o poste. Apedrejaram. Arrancaram a sua pele. Deixaram à mostra. Disseram que deram exemplo. Massacraram o meu filho.

Incharam o seu olho. Socos brancos. A história da minha família termina hoje. O caderno não terá mais o toque da caneta. Os mais encantadores versos. Meu filho estava preparando um zine. Poemas agora são a sua obra póstuma.

Vocês terão o mesmo fim. A semelhante dor da perda. A carne fritando no óleo. Não almejarão mais o futuro. Não irão se formar. Não terão amigos. Sem baile de debutante. Papai Noel vai economizar sem vocês. Dançarão a quadrilha junina no meu tom. E não é mentira.

Ninguém apartou. Bateu e bateu e bateu. Meu filho deixou este mundo dentro de um ringue.

Não ligarão a televisão. A imagem chocante. O helicóptero sobrevoando o telhado. Duas crianças que choram. Pedem para ir embora.

Programas usaram da morte do meu filho uma solução para a violência urbana. Motivou moradores. Quase que entregam as armas aos espectadores. Vai lá, façam a sua própria matança. Tudo será transmitido ao vivo. Seja um justiceiro. Pegue à paulada o neguinho de bermuda. Quinze minutos de salvador. Quinze minutos de linchamento.

Que meu filho me perdoe. A vingança será em vocês. Filhos dos meus patrões.

O quarto. O lugar que aquecia os seus desejos. Ali estão as fotos espalhadas na parede. Transformações da curta vida. Recém-nascido. No colo da avó. Jogando futebol. Driblava como o Messi. O primeiro dia de aula. O natal. A páscoa. A natação. A foto do jornal. O último retrato que tenho guardado.

O destino me entregou a boca cortada. Os braços quebrados. Os pés amassados. O sangue escorrendo de sua cabeça. O crânio aberto. Um olho rolando na sarjeta. Meu filho se tornou o vírus que necessitava de cura.

Esta cama. Este colchão. O momento do adeus. A dor de mãe é incurável. A perda do filho nem em doze encarnações irá sanar.

Vocês só sairão em sacos pretos. A polícia não serve. Pacificam a vida dos ricos. Antecipam as manchetes. Sobem para acertar o tiro na cabeça da comunidade. A limpeza geral da nossa pele. Metralham a nossa linhagem. Cortam os galhos da nossa família.

O mundo é uma bosta com moscas ao redor. Meu mundinho era meu filho. Pisado por carniceiros. Urubus

de varanda. Comem a carne dos pobres. Exibem nos bicos o sangue como proteção.

O álcool. Arde todas as marcas abertas feitas pela perda. Sem careta, abaixem a cabeça, meus queridos. Vou batizá-los. A sirene não me intimida. Berram no alto falante. Não vou soltar. Nunca sentiram a dor de um soco. O peso de uma pedra na cabeça.

O isqueiro é a última luz. Nascer. Morrer. Sofrer. Labaredas irão subir e tocarão os dedos do meu filho. Vou levar dois amiguinhos para você brincar.

As fotografias em chamas. O colchão derretendo. Um abraço nas crianças. Morreremos como um presépio sem Cristo. Não deu tempo de salvar. A tinta da parede ressecando. A fumaça expurga o lar. No fogo misturam-se peles, músculos, veias e pernas. Evaporam os choros.

Hoje enterro o meu pequeno. Caixão fechado. Seguro forte as mãozinhas dos filhos dos patrões.

A vingança já está planejada.

DIA BOM

*Para o querido amigo Lourenço Mutarelli,
que me deu o título deste conto*

Antônio Carlos Chagas era um homem covarde. Antônio Carlos Chagas, meu pai, morreu por ser covarde.

Logo no dia que chegou em casa antes de minha mãe estender a toalha na mesa. O arroz já lavado secando na peneira. O sol do final da tarde na pia. Iluminava os sinais de idade. As riscas de velhice. Cicatrizes nos olhos abertos de varar a madrugada à espera do meu pai. Pedia para que retornasse sem um bafo de álcool. Chegasse ao quarto sem engatinhar. Quando amanhecia ela levantava da cama para passar o café e o encontrava no sofá babando no travesseiro o resto do Chivas. Frequentavam o mesmo lar, mas não compartilhavam o mesmo sono.

Antônio Carlos Chagas rezava antes de se alimentar. Conhaque com café. Meia hora lendo o jornal no trono. Antônio Carlos Chagas, em seu último dia, abriu a porta de casa, foi até a sala de estar. Ligou o fio do rádio na tomada e colocou o CD do Sinatra na bandeja do aparelho. *That's Life*. Chamou por minha mãe. Duas vezes. Na

terceira ensaiou aumentar a voz, mas foi respondido na cozinha. Antônio Carlos Chagas tirou a jaqueta jeans e a deixou em cima do sofá. A sua recente cama.

A trilha abafada. *My Way*. Antônio Carlos Chagas chegou por trás. O bote. Um abraço erótico. O tesão apenas para um. Pediu que parasse com os preparativos do jantar. Tinha novidade para contar. Mandou comprar pizzas. No meio da semana, outra raridade. Balançou a cabeça enfatizando a decisão. Ficou como alternativa à minha mãe largar as facas, deixar o frango para o domingo e a farofa no freezer. Ligou para a pizzaria. Meia lombinho-calabresa e uma inteira de portuguesa. As preferidas de meu pai. Queria comemorar. Reunir a família. Sanar a ausência. Primeiro o álcool, a sua forma de expressar afeto.

Guardo o sorriso que meu pai nunca mostrou. Desenho em sua face uma risada improvisada. Puxo as pontas dos lábios. De orelha a orelha. Arquiteto um abraço prolongado. O bafo de volta ao meu nariz. O odor confunde passado e presente. Meu pai é o casaco velho que não consigo me desfazer.

O som da garrafa no copo é o mesmo barulho de quando quebrou a minha bicicleta. As batidas amassavam. Deformavam. Expressavam raiva. Quadro e guidom espalhados na calçada. Antônio Carlos Chagas rangia os dentes. Filho meu que não sabe pedalar não merece uma bicicleta. Eu assistia o massacre de um sonho. Foram poucos momentos e uma cena violenta para a vida inteira.

Meu pai não gostava de crianças. Queria que fossem como uma estrela cadente. Passasse rápido a época pueril.

Toda infância é adulta. Aguenta o tapa. Cresce com a responsabilidade. Meu mundo sem brinquedos. A casa sem riscas de lápis nas paredes.

Talheres prateados de cabos pretos plastificados, guardanapo, pratos de vidros azulados. Fiquei na sala aguardando a buzina do entregador. Na cozinha, duas pedras de gelo. Antônio Carlos Chagas pronto para abocanhar quem o desafiasse. Morder o safado que tentasse tirar o seu sossego. Seu aconchego. Sua bebida. Coçava o saco. Abria os botões da camisa. A elegância praticada dentro de casa. Convence sedução no reflexo do copo. Mergulhava o dedo e mexia. Bagunçava a fisionomia. Sua face e vida se perdiam no redemoinho etílico.

Mamãe no quarto, de roupão, secava o cabelo. Cada um em seu canto. A casa já ensaiava a falta da família. A casa sempre sabe o próximo passo de seu dono.

Papel toalha enxuga o bigode. Meu pai não deixava perceber se eram lágrimas ou uísque. O choro disfarçado é a arrogância da solidão. Deixou o copo ainda cheio na pia. Passou pela sala. Apressado. Só consegui enxergar sua sombra escorando o corredor. Pressa não era o seu feitio. Entrou no quarto. Bateu a porta. Minha mãe lá dentro. Gemidos envergonhados e rangidos do estrado. Antônio Carlos Chagas, filho da puta, enfiava o pau onde não havia mais a sensação de orgasmo.

Meus pais eram espíritos vagando pela casa à procura da saída. Duas pessoas caminhando do lado oposto da rua. Cruzaram-se por milésimos de segundos. De costas seguiram caminhos diferentes por toda a vida.

A porta se abre. Mamãe de pijama. Meu pai com a mesma roupa, só arrumava o cabelo no espelho. O gel não era muito fixo nesses momentos. Antônio Carlos Chagas não teve a atitude de tirar a roupa para transar com a minha mãe. Não ficou pelado para encostar os corpos. Ela trepou com um manequim.

Quarto copo, Antônio Carlos Chagas conversava com os seus amigos imaginários. Eram muitos. Brigavam. Brindavam. Mamãe me levava para longe. Não queria que o filho visse a situação que a bebida causava. Eu perguntava dos monólogos ébrios do meu pai. Mamãe tapava a minha boca. Sem mais perguntas.

Ouço a buzina do entregador. A fome puxa meu corpo. A mesa com as rodela de papelão marcadas com o nome da pizzeria. O calor faz suar a toalha. Papai na cabeceira. Mamãe fatiando os pedaços. O primeiro para ele. Não quis. Passou para mim. Compreendia que a fome do filho era maior.

O Chivas no fim. A comida estufando. Papai se aproxima de minha mãe. Desta vez não a bateu. Coloca a boca em seu ouvido e diz algumas frases. Vejo a feição mudar. Os olhos quase arregalarem. Antônio Carlos Chagas volta para a sua posição encarando a mesa. Olhava para o nada. O rosto indiferente. Cortava a sua pizza como um príncipe. O dono da casa. O idealizador da família. Fingia covardia.

Mamãe chorava. O que papai soprou em seu ouvido é a coisa mais terrível de toda a vida. E nunca saberei. Minha mãe era uma pessoa forte. Inspirava-me para

enfrentar a rua. Aquele rosto não era o dela. Aquelas frases ditas a seu ouvido afetaram a coragem. Mas eu sabia que ainda tinha alguma força dentro dela. Estava certo. O impulso de me obrigar a subir para o quarto. Trancar a porta e jamais sair de lá. Não saia em hipótese alguma. Nem que o mundo acabasse. Nunca desça as escadas.

Obedeci chutando o vácuo. Marrento. Subi pisando pesado os degraus. Queria comer mais. Ficar na mesa. A birra. A ordem de minha mãe me salvou.

A campanha toca. Mais pizzas? Mais comida? Tínhamos visitas? Perguntas hoje respondidas claramente. Antônio Carlos Chagas, um covarde.

Entraram três homens. Identifiquei o número pelas vozes. Sentaram à mesa. Comeram o resto da pizza. Colocaram as armas em cima da toalha. Antônio Carlos Chagas não quis morrer sozinho. Um dos visitantes cortou o silêncio. Viera em nome de um sujeito que eu não escutei. O grito de mamãe abafou qualquer outro som. A minha última canção de ninar. Ela foi a primeira a levar o tiro. A bala atravessou a garganta. O sangue sufocando os pulmões. Papai nada fez.

Covarde. Covarde. Covarde. Antônio Carlos Chagas viu a esposa manchar o tapete. Os olhos assustados fixados nos dele. O infeliz pedido de ajuda. A casa chora. Eu chorei. Mordia os lábios para não causar barulho. Papai vira a garrafa. Evita a dor da tortura. Não tinha o dinheiro que devia. Não arranjaría tempo para juntar a quantia. O prazo havia estourado.

Os pedaços de cérebro pincelam a parede. Estouraram a sua face. O Chivas seco ao lado. Antônio Carlos Chagas, covarde, morreu em casa. Medo da solidão até na morte. Sinto até hoje o cheiro da pólvora.

A casa de luto. Não teve tempo para o choro. As canelas invadem o quarto. Calçados sujos com o sangue dos meus pais. Carpete sente a dor das pisadas. Debaixo da cama, o esconderijo de infância.

O que é enorme o bicho não come. Lembranças, teias de aranha no canto da parede mais alta. Nem a maior vassoura conseguirá limpar. Dia bom. Pizza inteira de lombinho com catupiry. A favorita do meu filho. O pedaço para o mais esfomeado. O neto de Antônio Carlos Chagas. O covarde não viveu para conhecê-lo.

LIKES

Mais de trinta mil inscritos. Noventa mil visualizações. Quarenta vídeos subidos no canal. Incontáveis *likes*. Mas nada. Nem um assobio. Não havia alguém que o reconhecesse na rua. Um rosto marcante nas redes sociais. Barba enorme. Óculos com hastes verdes grossas. Um cabelo levantado com gel. Colocado de lado. Ele não aturava não ser visto na Avenida Paulista. Não se conformava com a invisibilidade das calçadas. Quebrada apenas com o cutucão do cheira-cola. Largado na larga avenida. Pessoas amontoadas. Maior que o monitor *Apple* de seu escritório. Não havia megapixels do *iPhone* que pudesse captar o que estava vendo lá, nem o clique foi rápido. Nem um sinal de mão. Um cumprimento de Spock. Nerd que é nerd saberia quem era ele. Não. A camisa do Vader não o ajudava. O moletom *trek* não fazia parte desta galáxia. Um desplugado da realidade.

Tentou o cinema. Pré-estreia do filme mais esperado do ano. Entre sabres de luz e *cosplayers* de *jedi* percebeu que o lugar estava empacado de oportunidades. Insinuou

escrever esta confusão no Twitter. Imaginou que no meio daquele povo algum dos cem mil seguidores estaria ali. Não. Mas preferiu tentar. Uma investida que lhe faria pagar mico. Não podia hesitar.

Oi

Hã?

Sabe quem eu sou?

Sei.

Opa. Bora tirar uma *selfie*?

Ah, tô de boa.

Frames exibiam o rosto sem graça. Pensou na pauta de um novo vídeo. “O que está havendo com os jovens?”. “As pessoas não respeitam os *youtubers*”. “Os *youtubers* são os novos excluídos da geração”. Tem exclusividade para soltar o verbo. Editar e colocar no site. Sua vez chegará. Vai contar cada fora que recebeu. A seu modo. Publicará sua atitude contra a sociedade. Não se inclui no mundo. Nerds, uni-vos. Pedirá apoio. Marcará uma manifestação. Como assim ninguém sabe quem ele é?

Mamãe já dizia: Moleque, vai jogar bola na rua, sai dessa máquina. Mas era Omelete, Jovem Nerd, velhos rabugentos, esquetes, vevo e torrents com séries e filmes. Coca-copo 500 ml, pipoca e bolachas. A pança quase tocando as teclas. Cresceu sabendo via Wikipedia tudo o que aconteceu nas duas guerras mundiais, JFK, Gandhi e Steve Jobs. Este com um cartaz enorme pendurado do lado de dentro da porta do quarto.

No começo gravava cd's com músicas baixadas do Emule. Vendia para quem fizesse as listas dos hits das estações.

Propaganda no *chat* da UOL, Nerd69, seu nick. Com a grana conseguiu comprar sua primeira câmera. Gravava sem luxo os fluxos da sua geração. Assuntos de músicas, cinema, videogame, livros de ficção científica e quadrinhos. Já tinha posição para ditar quem merecia cair fora do governo. Entendia tudo de política em 140 caracteres.

Inscritos do canal fizeram dele um formador de opinião. Seria conhecido na rua. Apertaria mãos. Beijaria os meninos. Sua fama ultrapassaria megabits. Mas, sentado no Starbucks, sem uma troca de olhar. Alguém que apontasse e cutucasse a amiga dizendo, “Olha, é ele. O cara da internet”. Nada. Sem *likes*.

Não vai ficar assim. Vai ter volta. Esses putos saberão quem ele é. Deixará sua marca. Fora da realidade da internet. Seu mundo já conhecido. Idolatrado. Terão o que merece. O que merece dele. Armou-se. No site de compras arrematou um revólver. “Deixarei mortos. Minha assinatura. Meu impulso pago”.

Longe da família. Criou o evento. “Aquecimento dos fãs de Star Wars”? Não, já havia muitos marcados no Facebook. “Manifestação contra a presidente”? Nada, seu alvo não eram os coxinhas. “Encontro nacional de *youtubers*”. Perfeito. Descrição: “Venha conhecer de perto o seu vlogueiro preferido”. Quem não for morrerá de inveja. Quem for também. Encontrou uma foto no Tumblr que ilustrasse o evento e publicou. Convidou seus trinta mil seguidores. A carnificina será memorável. Tudo transmitido por Hangout na sua GoPro pendurada no boné. Esqueceu de marcar o local. Editou. “Vão livre do MASP”. Vai dar até eco quando apertar o gatilho.

Sábado. Balas. Revólver. Café e pão na chapa. Sorriso. Mamãe vai me ver daqui a pouco na tv. Mochila. Desce no Trianon-Masp. Dez minutos para começar. Sobe a escada. Já deve estar lotado.

Nem os que clicaram “tenho interesse” apareceram. Muito menos os amigos que garantiram por *inbox* estarem presentes. Nem vizinhos. Admiradores do canal. Vão livre do Masp ainda mais livre. Em vão, com seis balas no tambor. Dez mil deram o cano. Caralho! Caralho! Caralho! Filhos de uma puta. Não conseguia viver desconectado. O computador era o seu elo com o mundo. Sua veia. Alma. Não queria passar batido. A humilhação não o deixava voltar para casa. Como conseguiria andar até lá? Ficou por ali mesmo.

Deixou a carteira à mostra para os jornalistas, desinformados, saberem quem ele era. Engatilhou e estourou a cabeça. A bala varou cartilagem, olhos e GoPro. O eco do disparo repercutiu e foi compartilhado pelo público. Jornais e websites diziam ser o certo “rapaz da internet”.

A fama durou poucos minutos. O avião que caiu no mesmo dia em Campinas. A PF que prendeu o traficante mais procurado. O deputado corrupto renunciado. O botox da apresentadora. Os índios fuzilados. O ator americano passeando em Copacabana. As profecias para o próximo ano. A traição do jogador de futebol. A dieta da panicat. O novo Samsung xptx4h. E o jovem suicida sendo passado para a página três. Quatro. Cinco. Seis.

Um crânio esfacelado, debaixo do museu, aberto à visitação.

MATARAM O NARRADOR

Mataram o meu personagem. Nem passou da página trinta. O arquivo na lixeira. Nossa relação não se prolongou. Decisivo. Trinta e três facadas. Morreu. Estirado no chão da página. Mudar de ideia. Trocar de enredo. Eu, o narrador, morri junto com o meu personagem.

Não há consulta comigo. Fazem o que bem querem. Chamam-me para qualquer tipo de narrativa. Mas me descartam sem preocupação.

Escritores, um apelo. Parem de me maltratar. Ou me utilizem até o fim ou me falem antes quando devo sair de cena. Não prejudiquem meu mísero tempo. Narrar não é fácil, não. Tem quem tente. Use e abuse da minha narração. Não facilito. Querem me usar nos clássicos. Nos contemporâneos. Até nos anúncios de fraldas. Narra direito ou abandono o texto.

O mundo literário agora ficou conciso. Eu gostava do Paulo. Personagem sensato. Sabia como se portar em uma boa história. O seu autor controlava precisamente a

trama. Desenvolvia ambientes, obstáculos. Consertava o enredo. Até que Paulo morre. Com aquelas trinta e três facadas. Não consegui me apegar a ele. Nem ele a mim. Personagens descartáveis. Estão ali para encher linguiça. Aumentar a página. Engrossar o livro. Eu nunca cheguei ao epílogo.

Já fui ladrão. Selvagem. Cavaleiro. Cruzado. Soldado. Aviador. Cangaceiro. Jagunço. Judas Iscariotes. Estão lá. Todos narrados por mim. Bibliotecas imensas com as edições mais raras. Já fiz freelas em contos de fadas e algumas fábulas. Sabe, aquele *Era uma vez...*? Uma merda. A moral sem sentido e preguiçosa. Nenhum deles tem meu nome. Safados.

Tem escritor por aí que junta uma pilha de livros do lado do computador para roubar parágrafos dos clássicos. Os mortos não podem se defender, não é mesmo? *Odisseia* e *Moby Dick* são os mais consultados. O narrador de *Vidas Secas*. O coitado, já caduco, com conversas sempre circulares, protestou que tinha uma Baleia parecida com a dele em um outro livro. Não me prolonguei. Eu não era o narrador acusado. Em histórias dos outros não se mete a sua narração.

Quer saber? Eu não gosto de literatura. Prefiro falar de filmes. Qual o melhor longa de todos os tempos? Lógico que é *O Poderoso Chefão*. Parte Um. Irretocável. Brando no auge. Pacino novinho, mas já com um apelo dramático fabuloso. Isso que é narrativa. Em tela se vê toda a literatura cinematográfica. Se assim posso dizer. Foda-se, aqui eu posso. Assumo. Debruço em qualquer assunto. O enredo que eu decidir desenvolver. Envolver. Correr nesta página

branca de pixels. Porque escrever à mão ninguém mais quer. Dói o punho. Tadinhos. Vovô me contava histórias belas das penas molhadas nas tintas. Da sabedoria de traçar as letras. Contar uma boa narrativa na pele de carneiro.

Apego-me fácil aos brasileiros. Troco um Tolstói por cinco autores brasileiros. Não suporto os russos. Os britânicos redondinhos demais. Americanos sem sentido. Orientais, filosofia furada. Portugueses com seus objectos e factos. Chatice só. Sou prático, se me deixarem, narro tudo com facilidade. Sem rodeios. Blábláblá demais. Do jeito que você quiser. Como o mercado exigir.

Nem vem me chamar para escrever o seu roteiro. Onde já se viu, roteiro não é literatura. Cena 1, cena 2, cena 3. Me poupe. E tem outra, agora que descobriram o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, haja ideias afins para qualquer frase ou mesmo neste parágrafo. Ai, uma merda, bosta, fezes, besteira, bobagem, cocô, esterco, estrume, merda, porcaria, excremento.

E aquela mania de autoficção? Não tem autor que se preze para narrar uma história a partir de sua vivência. Deselegante. E jura de pés juntos, na mesa literária, feira, festivais e eventos que aquela narrativa não é sobre ele. Mas que o enredo é interessante. Ora, é sobre quem? A minha que não é. Imagina se me deixarem escrever. Vai ter escritor abandonando a área.

J s O d j o P ç f
OAOPVNOVZNDVPÇDZNV OV-VOJZDVZDOJV
Z P] V J J V J J D N \ J D N S F J H J D B
VOAA' ~'fbejbg'bvãvj' ~SBG' ~S~'GS

Página 43.

O tiro.

A cabeça do narrador no teclado do computador.

SENHOR H

Senhor! Senhor! Senhor!

A sua senha!

Digite a sua senha.

A cabeça acostumada a fazer contas antes que o aplicativo do celular desse o resultado. A minha mente sabia de cor todas as ruas dos botecos de São Paulo, e os nome dos garçons. Eram vários. Os meus neurônios, em constante luta com o álcool, cultivavam prazer em listar os filmes que já tinha assistido nos cinemas. Eu era sempre solicitado nos saraus para recitar aquele verso do Paulo Paes ou do Bandeira. Hoje não consigo lembrar os seis números da minha conta bancária. Sou menor, perdoai.

Não recordo, me desculpa!

Como assim? O senhor havia digitado antes.

Não lembro

São apenas seis dígitos.

Eu sei, mas não sei mais.

Recordo dos meus vinte e sete anos. Data longínqua.
Não tem nada a ver com a minha senha, mas a cabeça

não quis ajudar e me transportou para aquele dia 14 de outubro de 2015. Calor da porra. O verão nocauteando a primavera. Acordava de um sono à base de calmantes. Juvenil depressivo. Frustrado poeta e decepcionado com o curso de Letras. *Carajo*, minhas matérias de espanhol que ainda precisava pagá-las. Pendurei-as, tranquei o curso e mandei todos os acadêmicos para a puta que os pariu. Mas antes de dar esse chique precisava passar no banco e sacar uma boa quantia. Fazia revisão de livros e a grana foi boa. Acho que por isso meu cérebro me puxou para estas memórias. Havia um banco no caminho. Na minha vida, um banco no meio do caminho. Peguei o dinheiro, coloquei no bolso estratégico da mochila e parti para a casa. Preciso passar antes no bar do Zé para me despedir de sua filha. Sempre a admirei, mas já era noiva. Tudo bem, no meu novo plano não posso levar muita carga. Cinco ampolas depois dei um abraço no Zé como se fosse um pai e me despedi de Amanda. Disse no seu ouvido frases sem sentidos de poetas que me faziam sentidos. Ela me beijou na testa. “Vai descansar, trovador”.

Cambaleando mas nunca caindo segui rumo à casa dos meus pais. A conhecida casa dos desesperados. Já construí as reações deles sobre a minha partida. Mas bêbado dá mais capricho para a interpretação.

Passarinho que pia, dependendo do horário, muitas vezes é bonito de escutar, outras enche o saco e te deixa maluco. O lema do meu pai. Um profissional. Não podia ver uma pena voando que metia o cano. Imagino o

carma que carregou pelas mortes aviárias. Talvez eu seja o carma dele. Sentia o perigo de desafiá-lo. Me mataria como um passarinho. Fácil, fácil.

Abri devagar o portão, aprendi essa tática quando chegava em casa na madrugada depois das festas. Os dois jantavam. Pega a comida, ainda está quente. Me servi de duas colheradas e sentei com os velhos. Preciso bater uma prosa com vocês. Olha, tô saindo de casa. Vocês não têm culpa, preciso ver o que quero da vida. É necessário? Já que você tem de tudo. É esse o motivo, quero ter por mim mesmo. Meu pai nada respondeu. Mexia na comida em seu prato como um cimento prestes a tapar a minha boca. Planejava o ataque. Entre a espera e a decepção da minha mãe meu cérebro me ativou uma música. Apertava o *play* nas horas erradas e esquecia o desespero. A pausa. O descanso. Já volto com o assunto.

Quem desce do morro

Não morre no asfalto

Lá vem o Brasil descendo a ladeira

Na bola, no samba, na sola, no salto

Lá vem o Brasil descendo a ladeira

Na sua escola é a passista primeira

Lá vem o Brasil descendo a ladeira

No equilíbrio da lata não é brincadeira

Lá vem o Brasil descendo a ladeira.

O que você fará com a faculdade? Já a tranquei, senhor. Tem dinheiro o suficiente? Tenho, senhor. Vai para onde? Pro mundo. Sabe que pisou lá fora não volta mais? Sei, senhor. Entende que não vou te dar um centavo? Sei

sim, senhor. Compreende a merda que está fazendo, justo neste momento? Compreendo, senhor. Sua mãe doente e precisando de você? Sim, senhor, já estou decidido. Não voltará mais? Um dia, quem sabe, senhor.

Senhor! Senhor! Senhor. A senha, senhor!

Esquece, vou para casa. Foda-se a senha.

Como assim?

Vou embora. Um dia eu volto com a cabeça mais tranquila.

Mas, senhor.

A casa. Volto para casa. A casa faz parte do corpo de uma família. Meu avô dizia. A sala o pulmão, a cozinha o estômago, o banheiro as merdas que precisam sair, o quarto é o coração. É nele onde guardamos os momentos mais importantes da vida. E só você próprio é que sabe como resolver. O segredo é uma caixa de papelão dentro do armário. Resistente. Lá estão as contas, as cartas de amor, os poemas desnecessários, os chaveiros e as alianças de ferro dos tempos de namoros.

A casa que não existe mais. No lugar onde habitava o meu corpo construíram um prédio com diversas famílias e portas. A cidade precisava se verticalizar. Eu senti a necessidade de subir até o último andar. Como será a vista de lá?

Não precisei pedir permissão para o porteiro. Fez que não me viu. O prédio é alto, uns vinte e cinco andares. Penso em tantas merdas que descem pelo encanamento. Lugar onde antigamente só cagavam cinco, agora mais de quatrocentas pessoas soltam merdas que dão volta no mundo.

Cobertura. Duplex. Os apartamentos instigam o salto.
Uma mão no meu braço. Uma velha. De onde ela veio?
Pensei que o elevador dava para o terraço.
Não, o resto tem que ir de escada. Mas são só alguns
degraus. Está querendo subir lá?
É, quero sentir o vento.
Você é o Henrique, aquele garoto que brincava aqui na rua?
Sou. A senhora é quem?
Eu apenas via você e os moleques brincando na rua.
Morava longe. Gosto deste bairro.
É mesmo? Eu apenas queria sumir daqui.
E não deu certo, né?
Por quê?
Você voltou. Venha. Preparei um café. Depois você
decide se vai se matar ou não.
Que história é essa de me matar?
Entra, o café vai esfriar.
Paranoia. Entrei no apartamento. O cheiro de infância.
Do desinfetante que minha mãe usava no piso da sala
toda quarta-feira. O odor de lustra-móveis que ela me
pedia para usar quando a ajudava na limpeza. A cozinha
tem a mesma arquitetura da cozinha de casa. Que porra
é essa? Azulejo caramelo, piso amarelado. A pia diagonal,
com pedras de mármore. A cafeteira Arno preta mesclava
com o fogão branco da Brastemp.
Esta casa é tão parecida com a minha.
Que coincidência, né?
A senhora já esteve em casa?
Nunca!

E como conseguiu deixar este apartamento igual a minha antiga casa?

Você que está dizendo que é parecida. Só achei coincidência.

Vou tomar o café e cair fora. Ela me serve numa caneca grande. Até a borda, Dou uma golada ainda admirando a cozinha. Conseguia enxergar a minha mãe de frente para a pia, cortando o bife e temperando o jantar. A água com os ovos fervendo e a Naná sentada com a língua de fora à espera dos miolos das carnes.

Aquela velha me fez chorar. Um choro acumulado desde que peguei a mochila e saí de casa. Aos 27 anos. Meu pai sem se despedir e minha mãe ainda no portão rezando para eu rever a decisão e voltar. Só que virei a esquina e ela me perdeu de vista.

Se tanto chora, qual o motivo de se matar?

Não, de onde tirou essa ideia?

Eu sei, você não subiu até aqui à toa.

Estou ficando sem consciência. Não existem motivos para ficar vivo?

Você ainda se lembra da sua antiga casa.

Lembro. Até os vinte e sete. De lá pra cá não consigo. Tento e nada. Uma tela enorme e escura me engole. Não sabia nem a senha da minha conta.

É porque você nunca vivenciou a sua verdadeira vida depois dos vinte e sete.

Não entendi.

Você está em coma por muito tempo. No ano em que você tinha vinte e sete. Tentou se matar, mas a queda era curta e o resultado foi apenas um longo sono.

Que absurdo? Tá louca?

Sou a sua consciência. E está na hora de acordar. Quero despertar também. Não tem mais como fabricar irrealidades para te oferecer. Pronto para se levantar?

IF YOU CAN'T SAY SOMETHING NICE

Eu sei que já é a milésima vez que te falo. Mas tem consciência do que estamos fazendo?

Mesmo se eu não tivesse consciência estaria fazendo.

Ele respondeu sem mais olhar para mim. Fitava o teto. Mais de meia hora com as pálpebras fincadas na parede branca. Neutro. Não demonstrava interesse. Sentimento foi se perdendo desde a primeira vez que o deixei dormir na cama. Lençol molhado. Os olhos tão misteriosos e solitários que não sei mais se o que escorre é suor ou lágrima. *Grito no hospital da gente*. Os versos do Chico César salivando meus pensamentos ensopados. Espalho os fragmentos imaginários para buscar uma ocupação depois do sexo. O sono vem como tempestade de areia. Fechar os olhos na obrigação de não feri-los. Dizem que quando se força para dormir o sonho prega uma peça e mistura realidade com fantasia. Talvez eu esteja no meio termo.

Pedi para ficar uma semana. A reforma do apartamento para devolver à corretora seria nesse tempo, esticou

mais um mês. Garantiu duas semanas. Germinou cinco meses. Primeiro dormiu no sofá da sala. Acordava todo torto. Não aguentava vê-lo reclamar da dor. Aconchego estilizado. Nobre sabedoria de pegá-lo pelas mãos e levá-lo ao quarto. Jogá-lo em colchões de reis. Arrancar a sua cueca e sentir o gosto de seu pau antes do café e torradas com geleia.

Gostava de dormir até três da tarde. Virava pro meu lado e soltava o bafo sonhador delicado e compensador. Aquecia o meu rosto. Pitada de ronco não me incomodava. Era a segurança de tê-lo perto de mim. Nosso lar se tornou o quarto. Trazíamos pão, almoço e janta. Imaginávamos o bote remando para o horizonte. Cena de cinema em cima da cama. Corta para os nossos olhos recebendo a luz alaranjada. Edita para um close no pôr-do-sol lá longe. A luminosidade mais excitante. Pera aí. Rebobina. Faltou filmar o nosso beijo. Ação! A câmera se distanciando. Nós no centro do oceano. Um solo de Ry Cooder. *The end*. Pause. Que bobagem.

As vozes e desejos foram se afundando no decorrer da semana. Perderam-se na boca de algum peixe. Mas peixes não falam e nem sentem amor. O nosso quarto se transformou em um enorme aquário. Dentro da água a comunicação é impossível. Para ele é melhor. O peixe que tenta de qualquer forma ser fígado. Escapar daquele mar poluído. Onda que quebra não assusta nadador. Enche a boca de água salgada. Remava em direção ao silêncio. Em nossa cama não conversávamos mais de Sam Shepard. *Paris, Texas*. Leonard Cohen, Bortolotto e seu *Homens*,

Santos e Desertores. Bertolucci. Chamava-me de pequena em todo final da frase. Ele preferia *O último tango*, eu gostava mais de *Os Sonhadores*. Pedia para colocar o álbum do Clapton. Dançava sozinho. Ensaíava passos selvagens e torcia a boca como Marlon Brando. Gostava de contar a sua reação após assistir o último episódio da semana de *Sopranos* e recitava os poemas de Nicolas Behr como se fosse um revolucionário.

Hipnotizado. Quando não olhava o teto, observava a rua. Do alto do oitavo andar, as luzes vermelhas dos faróis dos carros se prolongavam com os semáforos. Os guarda-chuvas escondiam os rostos. Esticava o pescoço à procura de uma face. Ou algo que demonstre afetividade. Ele me dizia sobre as pessoas que perderam o sentimento. A culpa é do botox. Evitam sorrir para não explodirem. A falta de carinho nos largos lábios humanos foi um dos motivos de não ter saído mais do quarto.

Hoje é domingo. Sabe que precisamos ir ao almoço.

Vai na frente. Vou mais tarde.

Não. Tá louco? Eles sabem que você está aqui. Vamos juntos!

Try to keep from thinking, thinking means remembering / Remembering means hurtin' hurtin' ain't so funny / Funny how it hits you, hits you out of nowhere / Nowhere to hide from it, it will last forever. Roy Orbison no banho. Desligava o chuveiro e se enxugava assobiando as músicas do velho de óculos. Enrolava a toalha e improvisava uma guitarra. Dedilhando nos fiapos. Dava-se bem com os mortos. Com as vozes presas no *iPod*. Levantava o

cabelo, o topete que desafia gerações transviadas. Eu o observava pelo buraco da fechadura. Em casa não existia tranca. Foi uma das primeiras regras que lhe disse. Tudo livre, como o rock n' roll que trouxe no arquivo de seu notebook. As fumaças da quentura do banho presas a seu corpo. Vermelhidão da pele deixava de lado a timidez. A bunda ainda a mesma de quando éramos pequenos. Mas a vontade de tocá-la é mais presente e angustiante. Hoje não posso culpar a inocência pueril do ato que pode acontecer. Ele corta os pelos compridos do saco com a tesoura do armarinho. A virilha quase lisinha. O olho que mede a sua intimidade desliza a lágrima do pecado. Talvez seja deus me embaçando, denunciando o crime. *If You Can't Say Something Nice*. O desejo de trepar em cima da pia com o meu irmão.

O prato cheio de nhoque, cheiro de frango assado com batatas. Uma família inteira a poucos metros. O gosto do domingo mastigado na prensa. A mesa tradicional que desce amarga no estômago. Encarar os pais. Ser medida pelos olhos dos criadores. O laço imaginário incomoda a cintura. Do outro lado a mão patriarcal. Domando a vida. Sem saber que é desgarrada. O domingo que dura uma semana. As horas que fazem jus de não rolarem. Ele nem se dirige a mim. Não quer deixar vestígios do nosso sexo. O filho da puta ainda tinha o cheiro da minha boceta no seu corpo.

Não vou mais transar com você.

Fazer amor você quis dizer.

Trepar. Veja o que fizemos. Somos irmãos.

E nos amamos.

Roda o disco do Nat King Cole na vitrola, em 1975. A vitrola de nossos pais do tamanho de uma geladeira. Toda vermelha. Nosso primeiro pegar de mãos sem precisar atravessar a rua. O carpete marrom. Sim, ainda lembro. Era marrom. Podíamos ficar descalços o dia todo. A sala só para nós nas tardes da semana. Os pais trabalhando. A vó Zélia ficava na cozinha fazendo palavras cruzadas. Ele tocou nos meus peitos. Passou os dedos nos mamilos. Não contente, colocou os lábios no bico. Lambeu para melhor deslizar a boca. A novidade da sensação não o impedia. Não hesitava. Um transe. A tensão só foi interrompida quando vovó chegou na sala para virar o vinil. Naquele momento deixei de andar nua pela casa.

As roupas se acumulavam no cesto. Ele esqueceu de se vestir ou deixou de usar as vestes de vez? A distância se tornou imprescindível. Dormíamos na mesma cama, mas os corpos flutuavam em outras dimensões. Para ele, o teto é mais atrativo que os meus cabelos. A fala no volume baixo para a minha audição. Falta de compreensão. Conversava consigo, não espalhava opinião e certidão.

Vieram as drogas. O baseado antes de dormir. A cocaína para esticar as noites de freelas na revisão de texto. As alucinações se materializaram. Pulsos traçados com a gilete. Ensaiei o suicídio mal sucedido. Os amigos sumiram no primeiro gole de vodka. Se isolou na sala. Voltou ao sofá. Mas não queria ir embora.

O sexo seco dos invisíveis. Rosto virado para os lençóis. Só me comia por trás. A cadela do prazer vagabundo. Não sentia o gosto do seu pau. Não recusava a sua trepada. Esperei uma reação sentimental depois da transa. Terminado o gozo, retornava para a sala. Ao mundo onde a minha presença é desnecessária.

Você precisa ir embora.

Preciso!

E tem ideia de quando?

Quando você conseguir me expulsar.

Ele sabia que não tinha coragem para lhe meter o pé pra fora. Queria-o perto. Seu corpo na mesma temperatura, só que uns tempos pra cá a sua pele me dava calafrios.

Vou contar para os nossos pais.

If You Can't Say Something Nice.

Estou falando sério. Eles precisam saber.

Não. Eles não vão saber.

Como se garante? Desde quando se tornou arrogante?

Não respondeu. Vira para a tela do computador. Ao trabalho. A família é o único ninho em que a vaidade é permitida. A família é doutrinada a não sentir atração. O ódio derrama o caráter. O mais próximo de nós era a faca em cima da mesa.

A primeira punhalada. As que vêm a seguir são canções aleatórias. Ele cai no chão. Grita. Pede engasgado que pare de furá-lo. *The wind and the trees from the hollow / Whisper secrets of life in my ear / When I lay down in their shadows / I dream that you're still here.* Agoniza. A morte é triste por ter o sangue como o último gosto deste mundo. Não

existe lugar para o consolo. A dor acumula a razão. Solto a faca e o deixo respirar a poeira do carpete encharcado.

Podíamos ter resolvido de outro jeito, pequena!

Tenho de concordar com o meu irmão. O oitavo andar tem uma vista hipnotizante. O vento não parará a minha queda.

PASSEIO

Hoje é dia de passear. Vestido em cima da cama. Só falta passar o ferro nas laterais amassadinhas. Perfume e bolsa. Hoje é dia de passear. Meu neto vem me buscar. O único dos nove filhos e doze netos que sai comigo. Não se incomoda. Sempre quando pode me leva no seu carro. Enorme. Quatro portas. Ar-condicionado. E um banco de couro confortável. O meu neto é o meu orgulho. Não se esqueceu de mim. E quando saímos no domingo jamais perdeu a hora de me trazer de volta para assistir o programa Silvio Santos.

Betinho buzina três vezes. Deço e deixo a chave para o Ernesto, porteiro daqui do prédio. Meu neto me aguarda. Abre a porta como um cavalheiro. Que orgulho. Quando chove, Betinho faz questão de sair do carro e me trazer até o banco de passageiro. Segurando um guarda-chuva do tamanho de um sombreiro, enxuga com estopa os meus sapatos. Vamos embora, vovó? Vamos.

Desce a Augusta. Passa na Frei Caneca. Dobra em direção à Consolação. O que eu fazia a pé nos tempos de

moça, hoje passa na velocidade que o meu neto quiser. Pessoas passageiras. Lojas sem tempo de parar. Preciso ir ao banco antes. Tudo bem? O que quiser, Betinho. Ele é o único a aceitar a companhia de uma idosa. Adora escutar as minhas histórias. Tá vendo ali naquela esquina? Seu avô me deu o primeiro beijo. Uma delícia. Betinho ri. Pede para continuarmos depois. Ele precisa resolver um pagamento rapidinho. Antes de sair coloca o Francisco Alves no rádio. Um encanto. Me transporta de volta aos bailinhos. *Sofre a tua dor resignadamente / Sofre como eu sofri por ti também / Sofre, que esta dor vai ensinando a gente / Que amar é um dia querer bem.*

Lá vem o Arnaldo. Acenou para mim. Reconheceu o número da placa. Encosta na janela. Dona Carina, de novo por aqui? Arnaldo coloca a flanela no ombro. Aperta a minha mão. Hoje está calor, não vai sair do carango? Aguardo o meu neto, foi resolver umas coisas ali no banco. Eita, dona, toda vez ele cola lá, haja conta. Betinho é um homem ocupado, mas sempre consegue tempo e me leva para passear. Justo, dona, você merece passear, mas está aí parada. É rapidinho, ele já vem. Tá certo, bom passeio, dona, vou lá trambar, tenho possantes para olhar.

Lugar estocado de carros. Betinho demora o tempo de um passeio dentro do banco. Tudo bem, ele se deu ao luxo de me buscar em casa. Tem um coração do tamanho da minha idade. Vai viver bastante. Rezo toda a noite por sua alma. Na missa, o seu nome está escrito no livrinho de orações do padre Augusto. Vai ter brilho assim lá longe. Meu neto. Meu amor. Quando consegue sair cedo do banco, me leva

para tomar sorvete. Eu me sento e Betinho pega Pistache e Flocos, os meus sabores favoritos. Antes de escurecer, me deixa na portaria do prédio. Passa a minha mão para a de Ernesto. Dá a bênção e diz até logo. Meus outros netos só me falam adeus. Nunca mais os vi. O último natal não foi amigável. Filhos resolveram colocar algumas pontas soltas em cima da ceia. Foi uma confusão. Tem irmãos que não se falam até hoje. E eu que sofro. Já tentei de tudo para a reconciliação. Almoço de aniversário. Domingo de Páscoa. Nada. Foram facas e pratos para o ar. Desisti. Me isolei no apartamento que era de mamãe. Quem quiser me ver que venha. No dia dos meus sessenta anos decidiram me surpreender. Fizeram uma festança. Com direito a bolo preferido. Qual é mesmo?

O presente de Betinho foi o cartão autorizando o estacionamento para as vagas de idosos. Ele que emitiu para mim. Mas não dirijo faz décadas. Sempre tem o retorno, eu te levo. E foi assim que começaram os nossos passeios. Banco. Cartório. Seguro. Prefeitura. Secretaria de Cultura. Trouxe a plaquinha, vovó? A pergunta depois da bênção. O quarteirão lotado de carros. Não intimidava Betinho. Sempre tinha a vaga para ele estacionar. Já volto, vovó.

As vantagens de sair de casa é estar disponível para viver. Ver pessoas. Gente circulando para não sei qual destino. Mas estão andando. Eu me sinto assim, caminhando. Graças a Betinho. Meu neto me leva para todo canto. Eu vejo a mudança da cidade. Quando eu morrer vou deixar tudo para Betinho. O apartamento e a plaquinha de idoso também. Ele gosta muito dela.

Ficar em casa só me faz contar as horas para morrer. Betinho me instiga. Pede para falar os momentos marcantes da sua infância. Solto a língua. Falo do dia em que nasceu. Dos banhos e fraldas trocadas. Ele se envergonha. Ri junto. Meu neto não me deixa sozinha. Faz planos nos dias em que passeamos. O que quiser, Betinho. Sei que no final ele vai parar na sorveteria.

E AÍ, TOPA?

Eu sou sua filha! Desse jeito. Entrou no escritório. Sentou e falou. Foi assim. Sem suspense. Nada parecido nos filmes com música de fundo e um baque no peito. Foi logo falando. Sem o devido cuidado.

Porra, uma filha? Com uma mochila nas costas e mala de carrinho descansando na beira da escada. Demonstrava desafeto. Não a culpo. Entregou um papelzinho amassado, estava na mão direita. Explicando que encontrou meu endereço, meu nome, trabalho e idade. Nada de bom dia. “Sou sua filha” e blábláblá. Ave nossa, o que farei agora? Vestido vermelho que ia até o joelho. Dava para ver suas canelas. Calçava rasteirinha preta com fivelas douradas. Sei lá se estava de cabelo solto ou preso. Ela falou que era minha filha. Como vou reparar depois disso?

Traz mais uma, Alberto. Hei, Alberto! Bosta, nem para me escutar. Isso, Alberto, mais uma. Viu, vê se coloca mais álcool nessa porra. Inacreditável, o filho da puta quer controlar o que tomo. Tome jeito, faça o seu serviço e me

traga o que eu estou pagando. Não dependo dele. Não vai ser ele que me carregará pra casa. Se eu cair, foda-se. Levanto e aceno contente para quem estiver passando. Não será a primeira e nem a última vez que não desgrudo a língua do copo. Até me anima, faz esquecer o que fiz. Mas se maluco sair rindo e me chamar de bêbado saco a arma e faço o cuzão.

A minha vida deu uma reviravolta. Uma filha! Uma filha! Se não me falha a memória foi no Recife. Férias. Começou numa orla em Boa Esperança e acabou no 234. Ainda lembro. Naquele hotel tudo o que se fazia tinha que falar o número. Cafezinho: 234; Dose: 234; Toalha: 234; Café da manhã: 234. Comer a arrumadeira: 234.

Porra, Alberto, que demora. Agora caprichou, tá na boca do copo. Está perdoado. Se eu virar de primeira sabe Deus onde vou estar com a cabeça. Não, não deve ser Recife. Eu usei camisinha. E depois não teve segundo tempo. Meti uma vez e capotei. Talvez em Belém. Não, mais além, Manaus, naquele *apart hotel*. Lembra? Ficamos lá para o dia da entrega. Mosquitos enormes e o puteiro. Como se chamava mesmo? Isso! Não pode ser Manaus. Estava todo cheirado. A pica não levantou.

Maceió? Não acho uma cama que me faça lembrar. Cavo e cavo e cavo. Só farrapo. Peruíbe, bem na ponta da praia. Ano novo de 2001. Sim, se ela tem 14 ou 15 deve ser lá. Na areia de Peruíbe. Tanta fossa neste país. Detestei aquela cidade. Suja! Cheia de garrafa Cereser e rosas brancas. Quatro, três, dois, um! Parabéns, trouxe, começou o ano fazendo um filho.

O dinheiro não dá pro mês inteiro, imagina com mais uma a mastigar o arroz e feijão? Inaceitável. Porra, por que foi bater justo agora na minha porta? Por que foi dizer aquela frase, de boca cheia? Como se eu fosse o responsável. Não. Não sou! Prefiro é beber, curtir a meia idade. Já sofro com os fios brancos. Com o baralho e com o Armando no meu pé. Ficha isso, ficha aquilo. Prendeu fulano? Transfere o maluco para outra cela. Não aguento mais. E um filho. Empecilho. Encosto. Estorvo. Tô fora!

Coloquei veneno na comida dela. A solução de me livrar da fedelha. Não me olhe assim. Te conto porque você sabe dos meus lixos. Ela bateu na minha porta para me azucrinar. Arriscou. Fiz mesmo. Sou sua filha o caralho. Entende, não quero ter cria. E se alguém vier no meu pé? Nem sei como iria protegê-la. Tive que fazer. Montei a cama para ela. Perguntei da mãe. Morreu de câncer. Sozinha. Não tinha a quem recorrer. Usou a minha toalha. Meu xampu e sabonete. Madrugada acordava gritando. Havia um namorado que ligava para ela toda noite. Pedindo dinheiro. Queria a grana da pensão. Não aguentei dois dias. O terceiro foi queda. Preparei o jantar e joguei Pestoff no feijão.

Ela está na sala. Vomitou no tapete todo. Saí do apartamento enquanto se sufocava.

Foi aí que te chamei. Eu não sei direito o que fazer. Bebi demais. Preciso desfazer do corpo. Sumir com aquele pedaço de gente. O pedaço que veio de mim. Jogar em um mato qualquer, rio abaixo. Descer junto com a correnteza. Você conhece quem faça isso. Eu pico se precisar.

Coloco no saco. Mas eu quero alguém para tirar aquele corpo da minha sala. Tirar a minha filha de lá!

E aí, topa?

II

*Does anyone need another President
Or the sins of Swaggart parts 6, 7, 8, and 9, ah
Does anyone need another politician
Caught with his pants down money sticking in his hole
Does anyone need another racist preacher
Spittin' in the wind can only do you harm, wow*

*Strawman, going straight to the devil
Strawman, going straight to hell
Strawman, going straight to the devil
Strawman, Strawman
Strawman, Strawman*

Desliga o rádio. O grito dela já foi para o outro lado. Deve estar reclamando na orelha de São Pedro.

Vai ficar sacaneando? Cadê o cara que viria junto para ajudar?

Você fez um belo estrago na sala. Fique aí, não pise em nada. Sabe como são os padrões, né? Ele não vem. Topa seguir meus métodos?

Meu Deus. Olha como ela ficou. E você nem aí. Podia ter feito essa porra de serviço sozinho.

E fez.

O quê?

O serviço sozinho. Só estou te ajudando a limpar essa merda toda.

Tá louco? Eu estava evitando que essa garota se fodesse.

Que dó, você sabe que fez merda, sua ladainha no bar não me fez chorar e nem sentir dó.

Vai me julgar agora? Só estou pedindo sua ajuda, sei que te devo muitos favores, mas você também me deve, não tá lembrado de Goiânia?

Eu jamais me esquecerei, fica de boa e não precisa me lembrar, só estou te falando pra parar de se fazer de vítima, matou a própria filha, loucura, mas estou aqui para te ajudar a limpar.

Eu não sei se ela é minha filha, porra.

Não? Deve ser filha do vizinho. Ela errou de porta. Vai saber. Quer que eu o chame?

Vai se foder! E pensar que eu te achava o mais racional do grupo.

Eu sou racional.

Mas não é sentimental.

Até que é uma boa vantagem.

Quero sumir com esse corpo, se fiz merda eu que vou arcar com o pecado.

Não é só você.

O quê?

Está tão bêbado assim que se esqueceu da lei? Desde que escutei você no bar já me tornei cúmplice.

E daí. Não vai me ajudar? Irá correr e me deixar na mão?

Não vou te deixar na mão, mas vou ter que carregar dois corpos.

III

Alô? Onde você está? Meu colega fez uma tremenda cagada e precisa de ajuda. Ele me ligou. Lógico, vou ajudá-lo. Como assim? Ele está na mesa aguardando algum sinal pra irmos ao apartamento. Posso contar com você?

O que fez? Caralho, é foda explicar por telefone. É grave, ninguém pode saber. Se estourar vai preso e fode todo o grupo. Eu não tenho nada a ver, só cheguei aqui no bar e escutei a lamentação.

Pera aí. Não, não. Bala pra quê? Sem mais mortes. Passar ele? Será necessário?

Está aí ainda? Então, ele matou uma pessoa. É uma garota. Muito mais que uma prostituta. Vai por mim, é sério!

Não faça isso comigo, mano. Falei que era certeza você colar. Como assim me tornei cúmplice, tá louco? Está tudo entre amigos. Sigilo, caralho. Ninguém vai caguetar. Pode confiar.

Para, mano, que ideia mais sem noção. Não vou matá-lo. Ninguém vai rodar, vai por mim. Confio nele.

Não estou gritando. Não, não posso fazer isso. Ele veio me pedir ajuda. Tem noção de que mais um corpo ficará difícil de fazer sumir?

Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Ok, eu te ligo. Só não me fode. Vai ser complicada a minha vida depois de hoje.

Deixa comigo. Eu faço!

IV

Aqui o mar é bravo. Onda alta. Leva tudo que está na frente. Carrega corpo para a beira. Uma vida toda de cara na areia.

Você não sabe nadar? Não é possível! Mora em uma cidade cercada desse mar e não dá uma braçada?

Me sinto bem. Aqui em cima nada nos prejudica. Sol arde para mostrar que estamos vivos. Vem sentir a temperatura desta pedra. Tá vendo ali? Não, ali. O mar mordendo a terra. Assusta, né?

Tentarei ficar mais em Peruíbe para te ensinar a nadar.

O privilégio de ter esse horizonte todos os dias. Viveria sentado nesta pedra. E você aqui do meu lado. Sempre.

Nossa pequena nascerá aqui. O primeiro som que ela escutará será o bater do mar. Bem-vinda ao turbulento mundo, mas, antes, escute a natureza. Sinta o cafuné da brisa. Ela será uma sereia. Vou ensiná-la a nadar. Você e ela.

Eu volto. Juro. Tudo que puder por minha filha.

AS SETE BORRACHADAS

O senhor sabe. Quando gritar sem violência a borra-
cha cai no coro do berrador. Se avexe, não! Aqui estamos
acostumados. Na rua, quem chora é ingrato.

Camburão dobra a esquina e vem perna pulando no
asfalto da madrugada. Procuramos um escuro beco para
se esconder.

Aquela luz da barca quer apontar
agitador,
marginal,
meliante,
arruaceiro,
mau elemento,
estuprador,
mendigo
vagabundo.

O pior, senhor, é quando breca e sai botina chutando.
E se não encontra vento, é bunda que vai pro alto. Roxo
na coxa, o tal paulistinha que tanto fazia nas peladas da
várzea jogando de zagueiro. Se a bota não é o suficiente,

a borracha canta, desmanda opinião e deita na pele o vergão. Fazem isso para não esquecer a porrada bem dada.

Sorriso na cara do homem de cima e o nosso beijo no chão com o grito de dor, um horror. Tem gente que passa por nós falando. Assim, baixinho,

“Merece”,

“Se apanha é porque fez merda”,

“Deixem os policiais fazerem o trabalho deles”,

Por isso, gritar sem violência é pra pouco e o soco vira contra. Aqui a violência tem patente. A gente já dorme na calçada esperando o boa noite da borracha.

Os gambas querem respeito. Nós damos. Muitos vêm pra cá com desavenças em casa, brigas no quartel, engolem seco dos superiores e por aí vai. O que fazem para descarregar a raiva? Socar a gente. Não reclamo, nem clamo para pararem. Se faço, amanhã estarei no mato abraçado ao formigueiro.

Eles são fortes. Senhor tem que ver. Sorte que apanhei perto de uma rua movimentada. Eram pernas passando. Rostos despreocupados. O saco de pancadas a céu aberto.

Vim de longe. O sotaque é lá de cima do país, misturou com o seu. Vinte e tantos anos na capital. Perdi os versículos da minha terra natal. É o que acontece quando tenta a cidade grande. Deixei mulher e filho. Já devem estar esticados, canelas duras e ombros que escondem a mãe na sombra. Todos meninos. Pegavam pesado, gostavam de brincar nas moitas de babaçuais e faziam com galhos secos espadinhas. Plim-plim no ar até quebrar.

Doeu como faca no fígado a minha despedida. Coração seguiu. Hoje impossível. O medo alcança o arrependimento. Não olhei para trás. Jamais, senhor! Tive peito de beijar minha mulher pela última vez, aquele corpo cansado. Rachado. A moringa enfraquecida. Misturava barro com lágrimas.

Peguei o arara pra descer. Via a seca e da seca encontrava o mato crescer. Gigantes árvores. Tantos coqueiros. Acostumado com mandacarus, aquela paisagem encanta. Êta, deus danado que constrói armadilhas e maravilhas num piscar de olhos. Deitar na grama enquanto o motorista parava para mijar ou comer. Três dias de viagem. A bunda dói com tanto pula-pula de estrada e aperto de gente.

O senhor precisa saber. Lá dos lados de Minas vi crianças trepando na carroceria em movimento. Penduravam nas madeiras e não largavam. Queriam vir para o sul. Faziam de tudo para fugir da fome. Gritavam por um prato de comida, choravam quando não conseguiam aguentar a velocidade do arara. O motor puto da vida berrava para desgrudarem. Quem não paga não tem direito a carona. E nem de encher o estômago.

Na minha terra, chover, senhor, nem levantando a enxada para o céu e pedir uma cuspidinha de Cristo. Nada descia. Desespero bate no peito quando o problema está acima do seu controle. A solução dispensa a crença.

Não sei que fim levou meus filhos! Estão ocupados, evitando pecados. A única lembrança que tenho deles é ver as costelas pulando. Bocas trincadas. Peles ressecadas.

Na rua a vida passa devagar. Aqui o tempo é na loucura. Quem enlouquecer já pode se preparar para morrer.

Olha aí, tá chegando o busão que o senhor esperava.

Vai lá. Fique tranquilo. Das sete borrachadas que tomamos, três a gente sente, o resto é só o deleite para eles mostrarem serviço.

Agradecido pela ajuda.

Vai lá, senhor.

Que vou ali no beco descansar longe do barulho da sirene.

DESNUDA

Morta na mancha da própria urina. Na mão direita o cigarro gasto empoeirando o colchão de cinzas. Lençóis amassados, cama bamba. A recepção do hotel havia prometido consertar o estrado. Não deu tempo.

Como ficará a conta? O gerente não perdoa. Quem está morto agradece por não precisar pagar a diária.

Esculacho do destino, logo ela que sonhava morrer em Paris ou Miami. Faleceu de férias em Maceió.

Calor. Pediram para desligar o ar-condicionado. A polícia já vai chegar. Os hóspedes se acumulam no corredor. Cancelaram os passeios. A piscina está vazia. Olhos em cima de olhos. Queremos ver o corpo.

No escritório de venda de produtos domiciliares ela trabalhava atendendo reclamações e insultos de clientes insatisfeitos. Se soubessem que na segunda-feira não ouvirão o lamento, senhor! Vou transferir para o setor de trocas! Calma, senhor! Não posso fazer nada! Vaca é sua mãe!

Pensarão: mais uma vagabunda que se foi. Quero é saber do meu aparelho de cortar gramas.

tu tu tu tu tu t u t u t u

Corpo na beira da solidão. IML. Não conseguem encontrar os parentes. Perícia demorará duas semanas para entregar a papelada da causa da morte.

Se seu Angenor e dona América, pais da morta, usassem celulares, esta situação já estaria solucionada. Não, celular pra quê? Nem sei mexer! Na minha época nem existia isso!

Confiou na filha,

Desanimou ao ver no noticiário o nome completo, idade e foto 3x4.

GRITOU!

Esbarrando-se na parede, dona América caiu no chão

Bateu no marido

Socou as louças

Culpou os deuses por levar sua cria

Ironia, as duas discutiram feio antes da viagem a Maceió – foi o que ouvi aqui do lado do muro!

Desculpas? – Agora será impossível, mamãe.

A autópsia já vai ser emitida? Sem resposta! Assassinato? Mas ela era feliz! Dizia a vizinha farejando fofoca.

Imprensa espalha microfones: o que levou Letícia a morrer desta forma? Mas que forma? Quem se importa? Vira a folha do jornal,

ESPORTE – P.E3 MANCHETE: “INVICTO CORINTHIANS CONQUISTA AMÉRICA”.

– Triste notícia em Maceió. Letícia, uma moça ainda jovem. Em Brasília são oito horas e trinta minutos. Repita. Oito-e-trinta. Agora, que tal se programar para o feriadão?

domingo.
segunda-feira.
terça-feira.
quarta-feira.
quinta-feira.
sexta-feira.
sábado.

Na semana já esquecida. Conceição, moradora próxima da Praia de Guaxuma, limpa os quartos do hotel, sonha em deitar com o seu marido em uma das camas da suíte de luxo do décimo quinto andar. Trinta anos de casamento, vamos comemorar depois do expediente. Enquanto não bate o ponto. Tira e põe lençóis para outros casados.

No quarto em que morreu Letícia, Conceição encontrou a cartela vazia de *Clonazepam* e uma carta para um tal de Carlos Alves do Nascimento.

SOMOS MAIS LIMPOS PELA MANHÃ

Previna-se neste carnaval, use camisinha.

Confetes, bela moça, um malandrão piscando para ela. Segurava um pacote do produto. Folia e sexo. As pernas entrelaçadas. A imagem parada. A nota única do samba. Camisetas de abadás caríssimos. No hospital, um corredor precário de vidas. Um cenário contrário de cores carnavalescas. Olhos fundos no cartaz. O malandrão metendo a vara na bela moça. Ele não usa camisinha. A imaginação em um lugar sem respiro faz ter assombros sufocantes. O carnaval não fará parte do meu convívio. No quarto ao lado, o pai definhava.

Tudo aqui é branco – piso, parede, maçaneta, roupas dos enfermeiros e médicos -, meus olhos até doem de tanta claridade. Meses aguentando a decadência física do meu velho. A doença nunca é individual, contamina a próxima geração.

As mãos foram as primeiras a deixarem o mundo. O AVC desceu no corpo. Um sorriso anestésico. A paralisia. O peso definitivo. No aparelho de som ainda se escuta Geraldo Filme.

Dez minutos interrompiam o seu contato com a vida. Minha mãe o encontrou no meio da sala. Babando no tapete. Olhos para o teto. O céu era logo ali. A luz que não vinha buscá-lo.

Não sei mais como era o seu timbre. Tudo é novamente desde o início. Um bebê de um metro e setenta, de noventa e cinco quilos, grunhindo. O sim e o não gesticular. Os olhos perplexos do patriarca sem o poder familiar. A ordem mudou de comando. O doutrinador não se senta mais na cabeceira. Deita em cama hospitalar. Necessita de enfermeiro para mijar e cagar. Trocam as suas fraldas, limpando o cu com a luva cirúrgica. Comer só com a ajuda dos braços de minha mãe. Nunca mais o banho solitário.

Estou morando em um lar construído de doentes. Os corpos descartáveis. Um bom dia se transforma em adeus. Vi sete saírem em lençóis. Imagino o meu pai enrolado. Empilhado. O último passeio.

Comidas requentadas. Bebidas sem gelo. Salgado do boteco perto da Emergência e os filmes da madrugada na televisão. Todos dublados, um porre, aliás, um porre é o que preciso. Mas meu pai está deitado numa cama de hospital há meses, como fardo ou redenção faço companhia. A bifurcação. O dilema: inferno ou paraíso. Parado. Meu pai não encontra locomoção para escolher um trajeto.

Enfermeira passa abrindo portas, em ziguezague atravessa o corredor entrando e saindo, verificando cada paciente. Pergunta por um desistente “tudo bem?”. Uns respondiam, outros gemiam. A frustração da morte que

não chegou na noite anterior. Amanhece. Aqui dentro nada nasce. Festa dos pré-mortos. Ensaio para o escuro caixão. Meu pai pelo menos já garantiu o ingresso, só falta verificar a data do evento.

Não existe tudo bem para quem está deitado em leito de hospital.

Ela só quis ser educada.

Coragem para entrar no quarto, encarar o velho, dar um hipócrita “como se sente”? Sua resposta sempre a mesma: o silêncio. A memória busca uma relação entre nós. Uma extensão de conversas. O beijo fraterno. As mãos que entregavam sorvetes. O primeiro presente. A luz da lanterna depois do susto do monstro da noite. As costas onde eu encontrava altura. Alcançar na vitrine o pote de bolachas. O bife servido cortado em cubos. O sopro na sopa antes de encostar a língua. O passe da bola nos feriados na chácara do meu avô. Vasculho o passado dos outros. Sobraram as histórias de amigos adaptadas para a minha vida. Escritas em cima de momentos que nunca foram realizados com o meu pai.

O vinil rodando. Nunca toquei em sua coleção de discos. A primeira vez o chinelo cantou. Um mês de castigo. Quebrei o LP do Roberto Ribeiro. *Estrela de Madureira* brilhou no meu lombo. O samba é sagrado para o meu pai. Uma criança não pode ter tato em casa. Não é dona dos objetos. O pedido de licença é o começo de toda a frase pueril. Chamá-lo de senhor é mais importante que chamá-lo de papai. Minha mãe me falava para eu tentar compreender o gênio calado dele. Você ainda é jovem,

mais pra frente vai entender. Não retruca. O ego ficou saturado para vivermos no mesmo teto.

O leito o envolve. São únicos. Os aparelhos são partes de seu corpo. O desejo de arrancá-los. Desligá-los. Minha vez de mandar na família. Em seu destino. Meu pai dentro de um casulo espera virar borboleta e voar para outra dimensão.

Está acompanhando o desfile?

Sempre a mesma coisa, nunca muda!

Esta é a última escola? Está desfilando tarde, acho que estoura o tempo.

Que se foda!

Mas você sempre acompanhou os desfiles.

Meu pai olhava para fora, observava o céu clareando. Malditos anjos que não descem para buscá-lo. Por que a demora?

Nenhuma reação do velho, nem para passar a mão na cabeça e sentir os cabelos desprezíveis. Antes de ficar preso nesta cama saía para caminhar no final da tarde. Nunca sem antes se pentear. Olhava para o espelho do banheiro. Molhava o pente e colocava o cabelo de lado.

O céu está para brigadeiro. Minha mãe gostava de nos dizer quando o dia estava sem nuvem. Tudo azul. Meu pai não conversava, fazia tempo, mais de três palavras comigo. Nesses últimos meses, no hospital, vieram amigos, parentes, prolongavam-se risos e sarros. Trocas de olhares, conforto e afetividade. Como se aproximam facilmente dele? Eu, o estranho que tinha o seu sangue. O galho seco ainda pendente em seu tronco familiar.

Filho do puto. O lugar em que a vida é um suicídio devagarinho. A morte domada. A morte de si mesmo. A morte interdita. No quarto do moribundo. A recusa do luto. Os pecados dos pais. Gozo doloroso. Selvagem. Pedagogia da dor. O enterro do diabo. Os ricos também morrem. A cidade das crianças marmanjas. A desgraça corrosiva. Autodestruição inovadora. Nós poderíamos ter sido grandes amigos.

Já li todos os livros que trouxe para a vigília. Pedi licença da faculdade. Licença das aulas não montadas, das correções de provas, dos orientandos com prazos de projetos para serem entregues, das reuniões de departamento, dos embates ideológicos promovidos por jornais carrascos e polêmicos.

Creio que uma das angústias de meu pai é não poder mais desfilhar no carnaval. Frequentador dos barracões das escolas de samba de São Paulo, não saía da Camisa Verde e Branco, arrumava os surdos e tamborins. Estava em todos os ensaios da Peruche e, se desse tempo, na quadra da Nenê de Vila Matilde.

No esquentar para os quatro dias de folia eu o encontrava na mesma mesa, do lado de fora, no canto da parede do estabelecimento. “Pouca luz e muita cervá”, era o que mais pedia. Nunca me chamou para acompanhá-lo. Eu batia fora do bumbo. Meu ritmo não era de samba. Comigo era Proust, Baudelaire, Bandeira, Caio Fernando Abreu, Marcelino Freire. Paulo Lins, Lourenço Mutarelli, Isadora Krieger, Andrea del Fuego, Paula Fábrio, Ferréz, Clarice e Caco Ishak dentro da mochila.

Conheci sua mãe no carnaval.

No carnaval? Mas ela sempre falou que foi numa missa.

Somos mais limpos pela manhã. Meu pai me dizia quando chegava em casa depois de passar a noite toda bebendo o carnaval. Desinfetar o que a rua contaminou. A folia não podia deitar na cama. O corpo de banho tomado. Limpava o cheiro azedo da cerveja, os confetes grudados, o suor de outro corpo, esfregava o pescoço para arrancar o aroma do perfume. O som de ontem, a batucada já antiga. Esterilizada para o próximo desfile.

Muitos corpos chegavam. O leito é público. Carnaval e vítimas. A alegoria do corredor de emergência é vermelha. As portas das ambulâncias cospem mais mortos. O braço quebrado. Dois amigos falecidos. A vítima lutando para não ser o terceiro da manchete de amanhã. Glicose na veia de quatro rapazes diagnosticados com coma alcóolico. Vieram de uma micareta aqui perto. Colegas do bloco relataram que eles estavam bebendo desde o meio-dia. A enfermeira avisou que havia acabado os leitos. Esticaram colchões no chão. O atendimento feito no corredor. Criança acompanhando a reanimação da mãe. Chora alto. Uma moça parecida com a Baby do Brasil pedindo mais soro. O inferno que abre alas para passar. O outro lado do carnaval. A dor de brincar e se machucar.

Meu pai desafiando a batida do samba. Esperando uma esperança na casa dos desamparados. Médicos já disseram não haver mais alternativa. Morrer no carnaval, um desejo antigo.

A despedida não deveria ser egoísta. Onde só um chora. Desligar ou não os aparelhos? Abandonar o patriarca. Dar fim à esperança de um abraço. Um beijo. Desligar ou não? O fim da folia. Desligar ou não? No aparelho de som.

Pai, criador do universo / Quero lhe pedir perdão / Pelos erros cometidos / Espero não chamar seu nome em vão / A gente aqui na Terra erra / Muitas vezes sem razão / Peço ao Criador / Quero voltar na reencarnação.

De quem é esse samba, pai?
É do grande Geraldo Filme.

FAZ-SE DE SI

Deita, deita prum lado e pro outro. Não encosta o sono na cama e fita a parede do quarto, que não é dele, pintada de azul, que não é a sua cor preferida.

Na pousada, que mais parece uma espelunca, repousa o corpo, a mente impossível. Mãos entrelaçadas apoiam a cabeça e recaí no travesseiro. Dói até o crânio. Pensa no filho de dois anos e mais um insistente que vai sair para o mundo. Pesa a dívida abocanhada pelo mais velho e daqui seis meses o próximo.

Madrugada nunca mais.

Pensa no caixa eletrônico do Banco do Brasil da avenida.

Pensa na mulher sem anel na mão esquerda

Pensa nos bolsos sem um puto

Pensa... pensa... pensa... pensa...

Desanima na viagem esfumaçada da tragada no fino bolado. Disso eu não largo.

No quarto da pousada o cheiro é só pra ele.

Prum lado pro outro.

Sono não há.

Vem a causa enfurecida do efeito natural da bomba. Porra, essa bateu legal. Ri alto, quer que se foda os falatórios durante o café – direito da diária da Pousada Azul. Pensa nos filhos como se fossem dois fardos. Esfarela a dívida financeira indiscutível.

Não tem como me ver um empréstimo? Mais um? É que as coisas estão difíceis. O mundo é difícil.

Bate na parede do quarto que não é dele, da cor que nem é a preferida dele. Nada é seu, só o fumo pago aos aviõezinhos sentados na sarjeta da praça perto do balcão de empregos.

Servente de obras? Sou mais que isso!

Só essa merda de emprego? Sou mais que isso! Pega a erva, paga a galera e retorna para o lugar que não é dele, na Pousada Azul, onde o café é direito para quem está com a diária em dia.

Fininho-boladinho-apertadinho – cadê a porra do isqueiro?

Sem gás – para ambos – de continuar o ritual – bateu o sono, mas ainda são quatro horas da tarde, tá quente pra cacete! Não trabalho mesmo.

Se estira no colchão que não é dele – insiste em lembrar.

Má quê!

Saudade dos filhos? Sem dinheiro para os filhos.

Video Show, celebridades. Sorrisos. E o beque a fazer. Quero sorrir também!

Fita o armário, o colchão, o chão, a porta, a TV, o *Video Show*, a árvore plantada há nem sei quantos anos batendo os galhos na janela. O barulho irrita.

A cruz em cima da cama, a cama, o travesseiro duro
e a cor da parede. Nada é seu!

Levanta

Deita

Vira

Levanta

Caminha

Caminha caminha

Caminha

Caminha

Caminha

E nem os passos são seus, pois o chão não é seu, a
calça que veste não é sua, mas os filhos são seus, o quarto
não. Não! Não!

É da Pousada Azul – onde o café da manhã ele aguarda
para entupir o estômago.

Estou magro!

E os filhos?

Deita, deita prum lado e pro outro.

VAI DE TÁXI?

Vai de táxi? Fica à vontade.

Quer que ligue o ar ou prefere o vento de fora? Vou diminuir o som. Aeroporto de Guarulhos. Este horário pegará trânsito. O movimento diminuiu por causa das merdas de ciclofaixas. Era só o que me faltava. Já não tem lugar para circularmos, agora vem pintar o asfalto para estes malucos passarem. Por que não tiram carta de motorista, trabalham e compram um carro.

Eu não deixo barato. Se cruzar a minha faixa passo por cima. Paciência com esses vagabundos? Comigo não. Responsabilidade tenho é no meu trajeto. Nas prestações pagas neste carango. Vinte e cinco anos de serviço. O mapa de Sampa tatuado no meu cérebro. Sei de cada viela, beco, atalho para dar fluxo ao movimento. A corrida. O seu bolso. Não vou facilitar para esses bicicleteiros. Biscateiros.

Se der na ideia farei o mesmo que o colega Humberto. Pegou o Opala encostado na garagem e saiu, num domingo, dirigindo em cima das ciclovias. Alucinado, passava o

venenoso por todo o tipo de bicicletas e ciclistas. Subiu na calçada, perseguia um filho da puta. Levou cadeiras e mesas. Pernas e braços. Pneu amassava crânios. Caçava o ciclista. Queria enfiar o escapamento na goela. Acelerava. Olhos vermelhos. Coração a cento e sessenta por hora. O seu carro era a extensão de seu corpo. O poder de fazer o que quiser. Já viu o tamanho do para-choque de um Opala? É um tanque. Humberto caiu morto na Consolação. Deu com o carro na padaria. Cinco tiros no para-brisa. Outros três nos pneus. A polícia acabou com a festa. Mas ele fez história. Treze mortos. Quatro ciclistas. O ranking continua sendo dele.

A rua sempre foi do carro. E continua sendo. Respeitar esses moderninhos? Não peguei essa profissão para aturar pedaladas. Quando eu puder vou soltar fumaça para todos os lados. O táxi é meu pastor e que nenhum filho da puta ouse entrar na minha frente. Amém.

Esquento o asfalto para grudar fuça de ciclista. Não se ameaça, se age. Aqui é assim. A rua é o campo de guerra. Todo o santo dia é disputar com motociclistas, motoristas de ônibus. Madame e empresário com Hilux da largura de um hipopótamo.

Sinto falta do seu Manoel. Esse levou uma vida de segurança na estrada. Sujeito nunca recebeu uma multa. Não ficou sabendo da mudança de velocidade da marginal. Estava a quase noventa quando um moleque atravessou a via. Não deu outra, Manoel grudou o garoto. Ainda lembro dos bombeiros tirando o corpo com a ajuda de um gancho.

O homem não acompanhava o tempo. O homem precisava de velocidade. Construiu o carro. O homem atropelou o relógio. Isso só na terceira marcha.

Está sabendo dessa nova empresa para disputar com a gente? Minha arma já está debaixo do banco. Maluco colar com esses carros enfeitados vai tomar furo na lata. É tudo ideia desses baderneiros, querem chamar atenção. Mudar o que já está bom. Vou passar por cima. Vão sentir a pele queimando. Tinha que ver o Josias. Uns manés pararam a Faria Lima por causa do aumento do passe de ônibus. Duas horas de trânsito. Ele não aguentou, jogou o carro pra cima dos moleques. Carimbou o crânio desses filhos da puta no capô.

Somos os donos do asfalto. Não queremos dividir com ninguém o nosso espaço. A lei é no meu volante. Se não nos obedecem irão engolir pedras pretas das ruas.

Aqui, senhor, chegamos. Qual companhia aérea? Pode deixar. Terminal três. Faça uma boa viagem.

E quando voltar. Vai de táxi?

HOJE TEM

Hoje tá tendo, rapá. Veio lá de cima. Escama de peixe, pode confiar. A molecada viajou grandão na lagarta. Dez conto cada pino. Os gambás não vão colar. Tudo pela-saco. Sete paus vai pro bolso dos cuzões. Descem cá. Fazem escândalo. Farol na cara e cano na nuca. Maluco que não paga eles faz subir. Lá no final da estradinha de terra do Varjão tem o buraco cheio dos que negaram. Pipoco e mané vira peneira.

Tá ligado no Lemão? Deram um rumo para ele. Foi trocar ideia com Tupac mais cedo. Dobrou a esquina errada. Deu de cara com os homens dando fim em dois bandidinhos. Lemão ficou como brinde. Bonzão jurou vingar. Mas mexer com polícia não é fácil. Vai vendo, manja a zona Norte? Colaram com três barcas. Invadiram o boteco e fizeram quatorze. Lembra do Fernandinho? Treze anos. O menino tinha treze anos. Foi junto pro saco preto.

Roda quem não abre os olhos. É ficar atento nos quatro cantos da face. O tiro é o teste neste ramo. Quem fica pra contar história tem respeito na banca.

Pra grana correr, fazíamos notas falsas. Nem somos loucos de entregar o dinheiro falsificado para os boys que compram de nós. Temos respeito. O doidera do Degão fazia a troca no busão. Pegava o 347 na hora do rush e dava a nota de dez pila pro cobrador. O maluco nem percebia. A fila enorme dava da calçada até a catraca. Motorista ficava louco. Esperar aquela cambada toda subir. Calor do horário de verão. Sol dando tapa na cara. Vermelhão, sabe. Degão pronto pra dar o bote. O papel trocado. Descia na próxima parada. Não demorou muito. Uns dias. O cobrador colou aqui na boca. Pediu três pinos e pagou com a grana falsa que o Degão lhe deu. E lá foi nós de novo pegar outro busão e trocar o dinheiro. Na torcida para não ser outro cobrador viciado.

Vai levar? Não posso ficar aqui brecando o corre. Quando o rosto se torna visível é tiro ao alvo pros milicos. Deu as caras. *Headshot*. Não se preocupa, boy. Sei o que faço. Bandido que mente é sinistro o fim. Maluco do Cavaco deu nos dentes. Cortaram as pernas, braços. Cada parte em um canto do bairro. A língua mandaram entregar para a mãe.

Equilíbrio meu destino. Faço de tudo para não cair da corda. Sei onde posso pitar. Três horas rodando de bike. Fazendo as trocas do produto. Depois posso ficar dentro da casa. Montar os pinos. Embalar os bagulhos. Fico mais perto do chefe. Confiança, sabe?

A minha vida é como a carreira esticada na mesa. Cheirá-la com canudo ou dinheiro? Não importa. Sabe que o pó vai dar o baque do mesmo jeito.

Vai colar com moral nesta hora? Já tentei, meu irmão. Senai, Senac. Não serve pra mim. Que grana essas porras dão no fim? Soldar máquina. Diploma de garçom. Só papo sem sentido. Maneco me deu a letra. Já vou ter a minha banca. Fazendo o trampo certo, vou ter poder. Aquele negócio. Respeitar os de cima e vender tudo.

O comando sempre sabe o que você tá aprontando. Vacilou, tombou. Abandonar isto aqui não dá mais. Já tá na pele. Nem com sabão arranca. Quando você sabe de todos os locais os malucos te ameaçam. Ficam ligados. Te matam por segurança de não ter caguetagem. Vixe, x9 vira defumador de favela. Cheiro de sangue e pneu.

Priscila, a mina do Lemão, fez de tudo para sair da prostituição. Depois de ficar com o corpo todo marcado por causa de um cliente, ela foi buscar ajuda. Desceu para encontrar uma viatura da polícia. Nada. Ninguém deu uma mão. Priscila decidiu falar a real. Mandou o verbo. Apontou sem medo todas as bocas e nomes dos traficantes. Consciência limpa? Estava pronta para sair do morro e construir nova vida? Encontraram a sua cabeça na praia. O resto acharam dois dias depois. A polícia entregou ela pros donos do tráfico. A gente só confia na gente mesmo. O drama de guardar todas as merdas que rolam por aqui. O jeito é ficar pianinho. Cabeça baixa. Olhar pro asfalto já me salvou várias vezes.

Vai querer? Tô saindo fora. Este lugar já deu. Esticar um teco para mim e dar o pé. A noite é onde saem as cobras. Rastejando. Se vacilar mordem tua perna. Eu me previno. Faça a minha até uma hora e caio no mundo.

Estou quase juntando a grana para abrir a minha funilaria.
Tenho amor grande por carros. Pintar as carcaças. Dar
um trato. Vou ser dono de algo. Sair de vez dessa carreira.

A ÚLTIMA BATALHA

Sonetos não vão à guerra. O poeta sim. Nos bastidores, o medo é maior. As palavras embaralhadas no papel. Havia escrito o discurso horas antes. Treina em voz alta. Agradecido. Não é a palavra certa para começar. Clichê demais. Imenso prazer só serve para estar no meio do texto. Ele tentou alguns versos de seu livro de maior sucesso. Mas o resultado saiu engasgado. As bombas do campo minado eram mais fáceis de encarar. Os dedos mastigados pelos cachorros. Pernas penduradas nos galhos. Orelhas arrancadas em troca de informações. Queria fumar. Abandonou as armas, mas não o cigarro. Bloqueava a ansiedade. O pulmão já preto dos maços gastos nas trincheiras.

Portas abertas. Assistentes indicavam os assentos marcados para o público. A maioria jovem. Alguns com as camisas que simbolizavam a luta de libertação. Outros procuravam os lugares e se atrapalhavam com os livros debaixo do braço. Jornalistas ligavam notebooks. Clic-Clic das canetas. Cadernos com as folhas em branco. Preparados para não deixarem escapar as bobagens que

serão ditas. Mensagens nos celulares. Modo avião. A equipe de gravação ajustando os tripés das câmeras. Três no total. Uma no fundo do teatro. Duas nas laterais. Até agora não o procuraram para colocar o microfone de lapela.

Ingressos esgotados. Agonia danada de entrar. Ainda faltam trinta minutos. O tempo que leva para o companheiro morrer com uma bala no estômago. Carregou diversos corpos mutilados na floresta. O público nunca imaginou o desespero de caminhar em terras plantadas com bombas. O homem usa da natureza para as suas armadilhas. O coração rejeita essa lembrança. A geração que pegou em metralhadoras. As pessoas se espalham no teatro à espera da homenagem a um poeta da guerra.

O mestre de cerimônia ainda não chegou. Ficou preso no trânsito. Uma cadeira no palco. Para mim ou para o mestre de cerimônia? Professor da universidade do estado. Estudioso da literatura realizada no período turbulento do país. Escreveu artigos críticos sobre os meus livros, parabenizou a minha participação nos confrontos e na poesia. Tem no romance *A última batalha* um enorme apego emocional. Ele levou meus escritos para a sala de aula. Interpretava as metáforas. Recitava os versos. Pedia trabalhos e orientava um grupo de estudos sobre a minha obra. Eu estava em boa companhia no evento.

Datashow testado. Os últimos ajustes da luz do palco. Pisca-pisca. Os segundos dos clarões das metralhadoras que atrapalhavam o sono. Quase perdi o meu diário na

lama. O susto é o diabo tocando a sirene. Correr sem rumo. Driblar as árvores. Encontrar a trilha certa no meio da saraivada do inimigo.

A plateia necessita de histórias da guerrilha. Presenciarão o herói da liberdade. Lá das matas. Nas sombras dos galhos. Por debaixo do rio. O orador do acampamento. Poeta das guerras. Escreveu versos das quedas dos amigos. Presenciou os enterros dos comandantes. Explicaria a utopia não alcançada.

Em comemoração a cinquenta anos da liberdade do país um jornalista havia lhe perguntado qual a diferença de literatura de guerra e relatos de guerra. Não soube responder. A matéria alegou senilidade. O sorriso sem graça estampava a capa. Forçou o desejo de ser o resto dos combatentes que ficaram nos campos de batalha. Estavam presos no tempo. Longe da imprensa.

O tremor nos nervos retornou após anos. As pernas inquietas. Pediu um banco. Não foi atendido. Não havia ninguém perto. O que manter para depois de hoje? Meu momento já deu. Receber e agradecer. Sair antes de qualquer pergunta. Desistir da sessão de autógrafos. Cadê os amigos? Onde estão para celebrar? Aplaudir? Sentar na plateia?

O governo caiu. Pedro que me falou, com a mão na boca para disfarçar. Ele repetia o gesto com os outros funcionários. Caminhava, parava, colocava a palma da mão perto dos lábios e soltava a frase. O governo caiu. Fecharam a fábrica. Quem ficou para tentar um extra foi expulso pelos seguranças.

No chão, em que éramos donos, o pó embutido nas botas. Silêncio! Pedro já havia terminado o seu telefone sem fio. Perto do portão, a televisão dentro da guarita atrapalhava a conversa sobre o ocorrido. Paramos na entrada da pequena sala de segurança da portaria. No ar, a imagem de uma bandeira diferente sendo hasteada. A antiga pegava fogo. Pisoteada por outras botas. Limpas, brilhantes e de categorias maiores que a nossa.

Fizeram o mesmo com o presidente. Terminaram de pisar com a ajuda da multidão, que competia espaço no gramado, em frente ao prédio da Presidência. Na capital do país, víamos tudo de cima, da câmara do helicóptero da emissora. Pontinhos coloridos fazendo a terra vibrar. Um terremoto humano.

Gritavam para matar, enforcar, cortar o corpo, a língua, furar os olhos, arrancar os cabelos. Todos almejavam um pedaço do antigo comandante em chefe.

Não percebemos a onda sombria nos engolindo. Ninguém arredou o pé do lugar. Todos queriam saber. Quem colocou em movimento a carnificina política? Quem botou a situação em prática? Quem conseguiu parar o turno da fábrica? O mundo não tirou os olhos da televisão. Enfiaram o mastro no peito do presidente.

A engrenagem estagnou. O poder pronunciado no local. A posse do novo governo. Paraguai já ficou assustado. Disse que não aguentaria o mesmo que aconteceu em seu país. Tentou sentar, mas as pernas não respondiam. Chorou. Carlos evitou paranoia coletiva e promoveu uma reunião para agirmos sobre o fato. Pediu que fizéssemos

uma votação contra ou a favor em responder ao ocorrido. Não seríamos de valia se estivéssemos deste lado da tela. Ele já queria elaborar um manifesto, propondo uma posição da nossa classe. Stuart, o mais novo do pequeno grupo, colocou na mesa um 38 e avisou que conseguiria mais se todos estivessem a favor de retaliação. Não concordamos com a ruptura da democracia. Ajudaria no que for necessário. Precisariamos de mais gente apoiando. Somando. A discussão mudaria com a vida de todos naquele estacionamento da fábrica. Trinta anos trabalhando no mesmo setor. Tantas mortes em serviço já presenciadas. Trinta anos. Agora arquitetando uma guerrilha. O contra ataque a quem manchou a bandeira. Mulher e filhos pegando o ônibus da madrugada para o interior. Poltronas no fundo. Um adeus do lado de cá da janela da rodoviária. Não, não acorde a Beatriz. Tem apenas três anos. Não será nesta noite que lhe darei meu último beijo. Prometo. Quando o ônibus some. Os joelhos não resistem. O chão segura toda pessoa pesada de dor.

Não conhecíamos a mata. Mais um inimigo para enfrentarmos. Bombardeios de chuvas. Animais no flanco. Espinhos e galhos nas trincheiras. A selva não nos poupava. Stuart conseguiu trazer mais treze companheiros para o grupo. Não tivemos tempo para treinos. O governo caiu, mas não ficamos parados. As botas metalúrgicas agora eram as de guerra. Paraguai conseguiu contato na fronteira com um grupo clandestino de vendas de armas. A resistência foi se transformando em epiderme. A guerra começou dentro da gente.

Horário estourado. O medo dobrou. O frio se espalha pelo corpo. Formiga. Sensação relaxante. A lembrança da guerrilha se multiplica. Um copo de conhaque esquentaria o ambiente. E aqueceria os nervos. Esqueceu-se de trazer a garrafinha. Não estava no bolso de dentro do paletó. Que gafe, deixou o kit palestra em cima da cama.

A prisão era cinza. Anos depois da liberdade a cor ainda invadia a sua memória. Capturado na Floresta dos Pinheiros. O tiro na perna o deixou sem locomoção. Presa fácil. A tortura. Os choques. Cortes nas costas. Afogamento. Jamais entregou o grupo. Dentro da cela a companhia da privada. As paredes geladas impossibilitavam encosto. O seu último livro detalhou as consequências da prisão. No cárcere, o tempo é individual. Só o prisioneiro decide como quer passar o ponteiro do relógio da vida. Conseguiu exílio. Acordo assinado pelo atual ditador. Não pisaria nas florestas. No país em que lhe acolheu escreveu o seu primeiro romance. Não havia censura. O enredo das atrocidades cometidas pelo governo em que combatia. Tornou-se a voz de seus companheiros.

Um poema do passado sempre será importante para qualquer momento presente.

O palco aguardava. O mestre de cerimônia surgiu. Já é a vez de entrar. O poeta enxuga as mãos suadas. Tira os óculos do bolso. Os sapatos prontos para darem os passos. O professor dá três toques no microfone. E um alô para regular a altura do som. Segurava uma folha. Seria a biografia do homenageado?

Nela não estariam as mortes que presenciou. As explosões no bairro da cidade invadida. Mães carregando filhos esmagados pelos destroços. Pais desacordados. População faminta. Sangue pelas praças. Naquela folha não seria lido o que só ele enxergou. O símbolo que se tornou é mais importante. O trauma, ninguém quer saber.

O professor desdobra o pedaço de papel. E anuncia a solenidade póstuma ao poeta e guerrilheiro. Não havia mais cadeira para o homenageado se sentar.

O QUE VOCÊ QUER FAZER QUANDO CRESCER?

- Quero ser militar.
- Chupar uma rola *bem* grossa.
- Escalar as montanhas de Marte.
- Pisar no Planeta XRDGF 33.
- Vou dançar e tirar a roupa.
- Fabricar teletransportes.
- Inventar um robô para substituir a Flora.
- Presidente!
- Piloto de carro flutuante.
- Parar de bater punheta.
- Beber a cerveja do papai.
- Matar meu irmãozinho.
- Equipar minha capa de voo.
- Deixar o cabelo crescer.
- Colocar uma criança na barriga de Cristine.
- Pedir ao titio para deixar de passar a mão nas
minhas pernas.
- Colocar aparelhos nos dentes dos outros.

- Matar o segurança que não deixou o meu irmão entrar no shopping.
- Construir a casa que o rio de lama destruiu.
- Explodir o Congresso.
- Ressuscitar John Lennon.
- Arquitetar a maior espaçonave do mundo e cair fora.
- Vender aqueles pinos brancos.
- Ob-la-di Ob-la-da.
- Montar no bicho papão.
- Comer o maior cu do mundo.
- Salvar o meu primo do Bangu.
- Colocar um microchip pornô no meu cérebro.
- Um piercing na pepeca.
- Botar veneno na ração da Naná.
- Escapar deste porão.
- Ser escritor.

- Escritor????!!!

Boa noite!

Livro desenvolvido em Paraty.
Finalizado em São Carlos.

*No fim do mundo
vire à esquerda.*



JORGE IALANJI FILHOLINI nasceu na cidade de São Paulo, em 1988, mas reside há mais de 20 anos em São Carlos, interior do estado. Editor do site cultural “Livre Opinião – Ideias em Debate” (www.livreopinioao.com). É um dos curadores do Festival Gaveta Livre, evento literário e teatral realizado em São Carlos. Fez parte, ao lado do escritor Marcelino Freire, do projeto Quebras (www.quebras.com.br), como produtor e assistente de multimídia. Participou da antologia, lançada em novembro de 2015, com textos e fotografias que desenvolveu durante a sua viagem pelo projeto.

Impresso em julho de 2016
para o selo Demônio Negro.